



# LSPPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

VIOLÊNCIA SEXUAL NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO  
EM PORTUGAL

Joana Pires Gama

Orientador de Dissertação:  
PROF. DOUTOR JOSÉ ORNELAS

Coordenador de Seminário de Dissertação:  
PROF. DOUTOR JOSÉ ORNELAS

Tese submetida para requisito parcial para a obtenção do grau de:  
MESTRE EM PSICOLOGIA  
Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de José H. Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **Agradecimentos**

Ao Professor Doutor José Ornelas, pela orientação, pela compreensão, pela troca de ideias, pela partilha do saber, pelas valiosas contribuições para o trabalho e pelas críticas que fizeram com que o desenvolvesse da melhor forma.

Aos meus colegas e amigos, em especial à Inês Semedo, à Diana Lopes e ao Paulo Martins, pela partilha de frustrações, desabafos e pelo incentivo nesta altura decisiva.

À minha família, pelo apoio incondicional não só agora mas ao longo de todo o meu percurso escolar, e por me proporcionarem a concretização deste sonho. À minha irmã, que mesmo não estando fisicamente presente, me deu forças para continuar.

Ao João, por acreditar em mim, por me contagiar com a sua energia positiva, por saber como me acalmar e incentivar.

A todos os professores que fizeram parte do meu percurso escolar, que me inspiraram de alguma forma e que me ensinaram o que sei hoje.

Obrigada!

## **Resumo**

Face à crescente preocupação relativamente à violência sexual contra as mulheres nos campus universitários internacionalmente, o presente estudo teve como objectivo estudar a incidência de violência sexual nas estudantes universitárias portuguesas, uma vez que não existe investigação em Portugal com este objectivo específico.

A presente investigação envolveu um total de 108 participantes, estudantes universitários, com idades a partir dos 17 anos, que preencheram um questionário on-line.

Os resultados foram elaborados apenas com a amostra que obteve resultados de incidência de violência sexual, e demonstram que a mesma é de 12%, sendo que desta amostra a esmagadora maioria pertence ao sexo feminino. Mais de metade da amostra esteve envolvido em relações sexuais não consentidas com alguém por pressão psicológica ou ameaças pela parte da outra pessoa, e uma grande parte dos participantes teve relações sexuais não consentidas enquanto estava sob o efeito de álcool. Os perpetradores da violência sexual são quase sempre conhecidos da vítima. A grande maioria dos participantes nunca pediu ajuda após o ataque, e nunca ouviu nenhuma apresentação ou palestra sobre violência sexual ou violência no namoro.

Pode concluir-se que é urgente existir intervenção no sentido de prevenir estes ataques, formando os jovens para que desde cedo saibam compreender o significado de consentimento e para que aprendam a lidar com a rejeição, centrando desta forma a prevenção no agressor em vez de ser centrada na vítima.

Palavras-chave: violência sexual, prevenção, mulheres, universidade.

## **Abstract**

Given the growing concern about sexual violence against women in international university campuses, this study aimed to study the incidence of sexual violence in the Portuguese university students, since there is no research in Portugal with this specific objective.

This research involved a total of 108 participants, university students, aged from 17 years, who completed an online questionnaire.

The results were drawn only with the sample that obtained results of incidence of sexual violence, which is 12%, and from this sample the overwhelming majority are female. More than half of the sample was involved in sexual intercourse without consent with someone for psychological pressure or threats on the part of the other person, and a large part of the participants had sexual intercourse without consent whilst intoxicated. Perpetrators of sexual violence are often known to the victim. The vast majority of participants never asked for help after the assault, and were never present at any presentation or lecture on sexual violence or dating violence.

It can be concluded that it is urgent to intervene to prevent these attacks, forming young people early to understand the meaning of consent and to learn to deal with rejection in a positive way, focusing thereby the prevention in the aggressor instead of the victim.

Keywords: sexual violence, prevention, women, university.

## Índice

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
Abstract .....	IV
Lista de Figuras .....	VI
Lista de Tabelas.....	VII
Índice de Anexos.....	VIII
1. Introdução .....	1
2. Revisão de Literatura .....	2
3. Método .....	17
3.1 Participantes .....	17
3.2 Delineamento .....	21
3.3 Procedimento.....	21
3.4 Instrumento .....	23
4. Análise dos resultados.....	24
4.1 Dados descritivos .....	24
4.2 Incidência .....	24
4.3 Ocorrência de Abuso.....	25
4.4 Relação com o agressor.....	27
4.5 Procurar ajuda .....	30
4.6 Prevenção do abuso.....	31
4.7 Discussão.....	33
5. Conclusão.....	37
6. Referências Bibliográficas .....	40

## Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição quanto ao sexo .....	17
<b>Figura 2:</b> Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face ao ano .....	19
<b>Figura 3:</b> Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face à nacionalidade.....	19
<b>Figura 4:</b> Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face à orientação sexual.....	20
<b>Figura 5:</b> Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face ao estado civil .....	21
<b>Figura 6:</b> Incidência da violência sexual no que diz respeito ao sexo .....	24
<b>Figura 7:</b> Percentagem de respostas à questão: “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?” (Questão 1).....	25
<b>Figura 8:</b> Percentagem de respostas à questão: “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?” (Questão 2).....	26
<b>Figura 9:</b> Percentagem de respostas à questão: “Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?” (Questão 3) .....	27
<b>Figura 10:</b> Percentagem de respostas sobre a relação com o agressor, relativamente à Questão 1 .....	28
<b>Figura 11:</b> Percentagem de respostas sobre a relação com o agressor, relativamente à Questão 2.....	29
<b>Figura 12:</b> Percentagem de respostas sobre a relação com o agressor, relativamente à Questão 3.....	29
<b>Figura 13:</b> Percentagem de respostas à pergunta sobre palestras de prevenção da violência sexual na amostra reduzida .....	32
<b>Figura 14:</b> Percentagem de respostas à pergunta sobre palestras de prevenção da violência sexual na amostra total .....	32

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1:</b> Comparação entre programas de prevenção da violência no campus universitário	16
<b>Tabela 2:</b> Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face às idades.....	18
<b>Tabela 3:</b> Percentagens relativamente à procura de ajuda em resultado de atividades sexuais não consentidas .....	31
<b>Tabela 4:</b> Comparação dos valores de prevalência e incidência de violência sexual no campus universitário.....	34

## **Índice de Anexos**

<b>Anexo A:</b> Questionário sobre a incidência de violência sexual no campus universitário (Tradução - VP).....	44
<b>Anexo B:</b> Questionário sobre a incidência de violência sexual no campus universitário reduzido .....	56

*“Perhaps most important, we need to keep saying to anyone out there who has ever been assaulted: you are not alone. We have your back. I’ve got your back.”* – Presidente Barack Obama

## **1. Introdução**

Apesar de existir uma percepção de que a universidade é um local privilegiado e um santuário de aprendizagem, nem sempre esta constitui um local seguro para as mulheres, pois estas são particularmente mais vulneráveis à violência de género e sexual. A violência contra a mulher existe desde sempre, mas foi a partir dos anos 70 que começou a ser mais estudada e que passaram a existir mais esforços para que esta fosse reconhecida institucionalmente, devido ao aumento de violações nessa década e à falta de resposta que existia por parte das instituições policiais e hospitalares.

Estudos apontam para que uma em cada cinco estudantes universitárias tenham sofrido de agressões sexuais, abusos físicos ou *stalking* (Fisher, Cullen, & Turner, 2000, 2002, cit. por Fran S. Danis, 2006), e que o abuso psicológico obtenha percentagens de 90% entre estas estudantes (Neufeld, McNamara, & Ertl, 1999, cit. por Fran S. Danis, 2006). Todas estas formas de violência têm consequências negativas no seu sucesso escolar e pessoal, visto que a grande maioria destas estudantes universitárias apresentam um aumento dos consumos de álcool, de tabaco, e de drogas ilegais, bem como limitações a nível do desempenho escolar e dificuldades de concentração em tarefas (Kirkpatrick, Acierno, Resnick, Saunders, & Best, 1997; McGruder-Johnson, Davidson, Gleaves, Stock, & Finch, 2000; Straight, Harper, & Arias, 2003, cit. por Fran S. Danis, 2006).

Após o reconhecimento desta problemática, profissionais de diversas áreas têm estudado cada vez mais a violência no campus universitário, de forma a que sejam criadas formas de intervenção nas universidades no sentido de prevenir e reduzir a violência interpessoal.

Assim, pretende-se com esta monografia estudar a incidência de violência sexual nas estudantes universitárias portuguesas, uma vez que não existe investigação em Portugal com este objectivo específico.

O presente estudo está então dividido em cinco partes distintas. Na primeira parte contempla-se uma revisão de literatura sobre alguns temas relevantes para a compreensão do tema escolhido e dos resultados obtidos. A segunda parte engloba toda a metodologia, incluindo as características da população, o delineamento, o instrumento e o procedimento.

Na terceira parte são apresentados os resultados obtidos e, na quarta parte, procede-se a uma discussão dos resultados obtidos tendo em conta os fundamentos teóricos apresentados na primeira parte, bem como algumas limitações do estudo e propostas para futuras investigações, que possam contribuir para um enriquecimento nesta área pouco explorada em Portugal. Finalmente, na quinta e última parte, referenciam-se as bases teóricas utilizadas ao longo de toda a monografia.

## **2. Revisão de Literatura**

Até à década de 1980, por todo o mundo, pouca pesquisa foi efetuada e pouca atenção foi dada à violência - em especial à violência sexual e no namoro contra raparigas adolescentes e jovens adultas. Várias situações podem ser consideradas abuso sexual, entre elas violação ou tentativa de violação, bem como qualquer forma de contacto sexual não desejado ou ameaças (Howard, Griffin & Boekeloo, 2008). A Organização Mundial da Saúde (2002) definiu a violência sexual como "qualquer acto sexual, tentativa de obter um acto sexual, comentários ou avanços sexuais não desejados, ou actos de outra forma dirigida contra a sexualidade usando a coerção, por qualquer pessoa, independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer local, incluindo mas não se limitando à sua casa ou ao trabalho". (Lehrer, Lehrer & Koss, 2012).

O comportamento dos estudantes dentro e fora da universidade é um assunto que tem impacto na comunidade universitária como um todo. Qualquer tipo de violência ou comportamento disruptivo pode corromper o processo de aprendizagem. O campus universitário é visto como um santuário de aprendizagem onde opiniões e sentimentos são abertamente expressados entre a instituição e os estudantes. Este período transicional, durante o qual os alunos testam os seus limites, tem sido recentemente marcado por actos de violência (Baker & Boland).

Existem várias formas de violência na sociedade, mas as mulheres estão particularmente vulneráveis à violência de gênero e sexual. O efeito da violência contra as mulheres envolve a sociedade como um todo, uma vez que ocorre em quase todos os locais, mesmo em ambientes socialmente privilegiados como as universidades (Duarte et al., 2012). Investigações sobre a violência contra as mulheres confirmam o assédio sexual e a violência no namoro como barreiras significativas para a realização educacional das mulheres. Para as mulheres em particular, o campus pode não ser mais seguro do que a comunidade em geral. Na verdade, pode ser um ambiente de alto risco que pode afetar negativamente os seus objetivos educacionais.

É mais provável uma pessoa ser vítima de um crime num campus universitário do que em qualquer outro sítio do país. Isto significa que as estudantes universitárias se encontram em maior risco de violação ou outro tipo de abuso sexual do que mulheres da mesma idade que não frequentem a universidade (DeKeseredy & Swartz, 1998; Koss, 1998, cit por Parkers et al., 2014).

Para garantir que as mulheres têm oportunidades para prosseguir a sua educação livre de danos, campus seguros devem ser criados (Danis, 2008).

A violação é o crime violento mais comum cometido nos *campus* universitários americanos atualmente (Fisher, Cullen & Turner, 2000). Os agressores predominantes são homens que cometem violência contra as mulheres (DeKeseredy & Schwartz, 1998; Rennison, 2000 cit por Danis, 2008). A maioria dos ataques são cometidos por alguém conhecido da vítima, ainda que os campus continuem a promover a crença de que a violência sexual envolve principalmente a violência cometida por um estranho (McMahon, 2008).

O estudo pioneiro de Koss, Gidycz e Wisniewski descobriu que a incidência de abuso sexual relatado pelo IHE (*Integrating the Healthcare Enterprise*) nos últimos 6 meses foi de 38 para 1000 mulheres. Estas estatísticas alarmantes foram corroboradas por estudos posteriores que concluíram que 1 em cada 4 mulheres estudantes universitárias tinham sido abusadas sexualmente durante a sua vida, e 1 em cada 5 mulheres universitárias relataram ter enfrentado uma agressão sexual durante os seus anos de faculdade. A prevalência de agressão sexual, abuso físico e perseguição é estimada em uma em cada cinco para uma em cada três mulheres universitárias (Fisher, Cullen & Turner, 2000, 2002; White & Koss, 1991). Estes

números correspondem em percentagens a entre 14 e 17% de estudantes universitárias vítimas de violação ou tentativa de violação (Fisher, Cullen & Turner, 2000; Fisher, Daigle & Cullen, 2010; Fisher et al., 2002; Humphrey & Kahn, 2000; Payne & Fogerty, 2007; Schubot, 2001), 40% de universitárias perseguidas (Fisher, Daigle & Cullen, 2010), e 92% vítimas de assédio sexual (Belknap & Erez, 2007). Outros estudos efetuados internacionalmente colocam os valores de prevalência entre 6 e 10% (Vázquez et. al, 2010; Zotareli et. al 2012; Phipps & Smith, 2011; Umana, Fawole & Adeoye, 2014).

Apesar dos esforços desenvolvidos para responder à prevalência de agressão sexual na comunidade e nos campus universitários, a incidência de agressão sexual não diminuiu, embora a nível nacional outros crimes violentos tenham diminuído (McMahon, 2008).

### **O consumo de álcool e a ocorrência de abuso**

Ao longo das últimas duas décadas, diversos estudos têm consistentemente encontrado uma associação entre o uso de álcool e vitimização sexual entre mulheres universitárias (Abbey, 2002; Gidycz, Hanson & Leigo, 1995 cit por Parks et al., 2014).

A literatura diz que a atmosfera do campus proporciona a ocorrência de abusos sexuais. O álcool aparentemente tem um grande papel na criação desta atmosfera, com 75% a 90% das violações no campus universitário envolverem drogas ou álcool e perto de três quartos das vítimas de violação terem reportado estarem sob a influência de uma destas substâncias na altura do ataque (Georgia Law Review).

A partir dos anos 90, tem havido uma crescente percepção de que drogar – administrar uma droga ou álcool a alguém sem o seu consentimento – tem sido cada vez mais comum (Beynon, McVeigh, McVeigh, Leavey & Bellis, 2008; Weiss & Colyer, 2010, cit. por Swan et al, 2016). Apesar de ser intuitivo pensar que o objectivo desta actividade seria a agressão sexual, estudos mostram que existem outros motivos e contextos, tais como o roubo, por exemplo, que apresentam percentagens mais elevadas do que a violência sexual (Swan et al, 2016).

Pelo menos metade de todos os abusos sexuais estão associados com o consumo de álcool. Mais de metade de todos os abusos sexuais são cometidos por homens que estão sob o efeito de álcool, e aproximadamente 50% das vítimas estavam também sob o efeito de álcool

na altura do abuso. Mulheres universitárias que consumam drogas, frequentem uma universidade com altas taxas de consumo de álcool, pertençam a uma fraternidade, e tenham bebido muito no ensino secundário estão em maior risco de sofrer de abusos sexuais enquanto embriagadas (Mohler-Kuo, Dowdall, Koss & Wechsler, 2004, cit por Howard, Griffin & Boekeloo, 2008).

O abuso de álcool continua a ser um problema de saúde nos campus universitários com sérias consequências negativas para quem bebe, e com sérios efeitos secundários negativos para os que os rodeiam (Wechsler et al., 2002, cit por Howard, Griffin & Boekeloo, 2008). O papel do álcool tanto como factor precipitante e explicatório para a agressão sexual foi bem articulado pelos homens, assim como o seu papel no aumento da vulnerabilidade feminina e risco de vitimização, em parte devido à consciência reduzida de situações de risco, julgamento prejudicado e/ou capacidade de resistir à agressão (Larimer, Lydum, Anderson & Turner, 1999, cit por Howard, Griffin & Boekeloo, 2008). Davis et al. afirma que era mais provável que mulheres embriagadas consentissem ou respondessem passivamente aos avanços sexuais do agressor (Davis, George, Norris, 2004, cit por Howard, Griffin & Boekeloo, 2008). Mas, enquanto estas mulheres podem consentir com algum contacto sexual, este consentimento pode ser mal interpretado pelo agressor como desejo de uma relação sexual, principalmente por homens embriagados (Abbey et al., 2004, cit por Howard, Griffin & Boekeloo, 2008).

Segundo Hingson et al. (2005, cit por Howard, Griffin & Boekeloo, 2008), mais de 400,000 estudantes (8%) reportaram terem tido relações sexuais desprotegidas como consequência de consumo de álcool, e quase 100,000 estudantes anualmente reportaram terem sido vítimas de violação ou abuso sexual. Estes números não incluem os mais de 100,000 estudantes que reportaram estar demasiado embriagados para saber se tinham consentido a relação sexual ou não (Howard, Griffin & Boekeloo, 2008).

Um número menor de estudos avaliaram especificamente a relação entre o uso de álcool e o aumento do risco de vitimização física (tanto íntima como não-íntima) entre as mulheres universitárias (Moore, Elkins, McNulty, Kivisto & Jazigo, 2011; Saewyc et al., 2009; Stappenbeck & Fromme, 2010, cit por Parks et al., 2014).

Mulheres vítimas de violência sexual muitas vezes sofrem de efeitos físicos e psicológicos a longo prazo e são mais propensas a abandonar a faculdade do que outras estudantes do sexo feminino (Finn, 1995; Romeo, 2004; Sochting, Fairbrother & Koch, 2004, cit por Potter et al., 2008). As vítimas muitas vezes conhecem os seus agressores e podem culpar-se a si mesmas pelo abuso (Bondurant, 2001, cit por Danis, 2008). As ramificações de vitimização pessoal para mulheres jovens são substanciais, na medida em que apresentam sequelas físicas e psicológicas após a vitimização, que podem incluir: depressão, ansiedade, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e complicações ginecológicas (Follette, Polunsky, Bechtle & Naugle, 1996; Ullman, 2003, cit por Parks et al., 2014). Outros efeitos incluem o aumento do consumo de tabaco, álcool e uso de drogas ilegais, limitações de atividades físicas, dificuldades com a realização de trabalhos, disfunção cognitiva, e incapacidade de se concentrar em tarefas (Kirkpatrick, Acierno, Resnick, Saunders & Best, 1997; McGruder-Johnson, Davidson, Gleaves, Stock & Finch, 2000; Straight, Harper & Arias, 2003, cit por Danis, 2006). Além disso, uma série de estudos descobriram que experienciar vitimização pessoal aumenta a probabilidade de posterior abuso de álcool, bem como o risco de experiências de vitimização adicionais (Bedard-Gilligan, Kaysen, Desai & Lee, 2011; Corbin, Bernat, Calhoun, McNair & Seals, 2001; Martino, Collins & Ellickson, 2005, cit por Parks et al., 2014). Associações entre o uso mais intensivo de álcool antes e após os eventos de vitimização têm levado a teorizar que uma relação bidirecional ou recíproca pode existir entre o uso de álcool e vitimização (Ullman, 2003, cit por Parks et al., 2014). Ou seja, o uso de álcool leva a uma maior probabilidade de vitimização e a vitimização leva a uma maior probabilidade de subsequente aumento do uso de álcool. Pesquisas sugerem que mulheres universitárias estão em risco ainda maior do que mulheres da mesma idade que não frequentem a universidade (DeKeseredy & Schwartz, 1998; Koss, 1988, cit por Parks et al., 2014). Os altos níveis de consumo de álcool nos campus universitários agravam o problema de vitimização pessoal. Em amostras internacionais de estudantes universitárias, mais de 50% das mulheres indicaram ter passado por algum tipo de vitimização sexual, e 15% relatou ter tido uma experiência sexual não consentida que preenchem os critérios legais de violação (Koss, Gidycz & Wisniewski, 1987; Fisher, Daigle, Cullen & Turner, 2003, cit por Parks et al., 2014). Várias características do estilo de vida das mulheres universitárias são fatores que aumentam a probabilidade de experimentar vitimização pessoal. Estes incluem ser jovem e solteira (Koss, 1988, cit por Parks et al., 2014), beber muito (Harrington & Leitenberg, 1994, cit por Parks et al., 2014), e beber em contextos de risco, tais como bares, e festas das fraternidades (Cashin, Presley & Meilman, 1998; Parks, 2000, cit por Parks et al., 2014).

Existem situações únicas nas universidades que complicam as questões que envolvem a victimização sexual. A vítima pode continuar a viver com medo depois da agressão pois o autor pode viver no mesmo local ou frequentar as mesmas aulas. A revictimização é comum quando colegas ou amigos do agressor descobrem que a vítima vai prosseguir com uma acção judicial através da faculdade ou da polícia local (McMahon, 2008). Ter aulas em comum com um agressor pode aumentar também as oportunidades de contatos indesejados e perseguição. As mulheres que são perseguidas podem ter dificuldade em completar o curso, uma vez que muitas mudam as suas rotinas, alteram os caminhos que faziam diariamente, deixam os seus empregos, mudam-se ou deixam de sair das suas casas (Spitzberg, 2002, cit por Danis, 2008).

Um estudo realizado por Phipps & Smith (2011) veio sugerir que as estatísticas relativamente aos abusos sexuais nos campus universitários americanos não diferiam do resto do mundo, tendo efetuado um estudo comparativo no Reino Unido no qual constataram que certas características são comuns: os números de queixas eram muito baixos, o ano lectivo da aluna foi um factor (com vitimização significativamente mais propensa a ter tido lugar no primeiro ou segundo ano), os autores tinham maior probabilidade de ser estudantes, e as mulheres não tinham certeza se o que aconteceu foi um crime ou grave o suficiente para fazer queixa. O álcool foi um fator em 70% dos casos. A relação entre álcool e violência sexual está bem estabelecida, com estudos norte-americanos sobre mulheres universitárias que sugerem que entre 63 a 74% dos agressores usam álcool, enquanto que os números de vítimas estão entre 20 e 55% (Krebs et al., 2007, cit por Phipps & Smith, 2011).

Estes autores consideram que os estudos de violência no campus nos EUA são frequentemente individualistas, com foco nas motivações dos agressores do sexo masculino e na aceitação de "rape myths". No entanto, existem outros factores, tais como o ambiente do campus e o ajuste social e cultural mais amplo a ter em conta. Adams-Curtis e Forbes (2004, cit por Phipps & Smith, 2011) situam a violência sexual e de género dentro do contexto de atitudes em relação às mulheres e ao sexo, conceitos de masculinidade e feminilidade, promiscuidade sexual, estilos de comunicação, normas do grupo de pares e álcool. Esses fatores refletem uma sexualização mais ampla da cultura jovem, identificado em ambos os EUA e Reino Unido e ligado ao capitalismo de consumo, mudanças nos papéis de género e a reacção contra o feminismo. Levy (2006), Whelehan (2000) e Walter (2010, cit por Phipps & Smith, 2011) sugerem que as mudanças nas expectativas sexuais dos homens jovens e a

alienação continuada de mulheres jovens da sua própria sexualidade criam as condições necessárias para a falta de comunicação generalizada e coerção, e, conseqüentemente, violência e abuso sexual. O assédio sexual e a violência foram identificados como obstáculos significativos à realização educacional das mulheres. Muitas estudantes vitimizadas nos EUA evitam eventos populares, deixam de ir às aulas ou a actividades, ou chegam mesmo a desistir do seu curso (Hill & Silva, 2005, cit por Phipps & Smith, 2011). As universidades são muitas vezes vistas como ambientes onde as estruturas de discriminação aparente na sociedade em geral são desafiadas, e paraísos para as comunidades diversificadas e cosmopolitas. No entanto, apesar da importância da educação superior para a igualdade das mulheres, estudantes do sexo feminino sentem-se não desejadas através do assédio e violência, muitas vezes perpetrado por estudantes do sexo masculino (Phipps & Smith, 2011).

### **A Lei**

A incidência de violência sexual documentada por Koss, Gidycz e Wisniewski há mais de 15 anos permanece inalterada apesar das várias políticas, legislação e programas de prevenção (McMahon, 2008).

Os esforços para abordar a violência contra as mulheres foram iniciados em 1970 pela crise de violações e movimentos de mulheres agredidas. Começando com a defesa individual, com o acompanhamento de mulheres ao tribunal ou à emergência do hospital para os exames de violação, os defensores reconheceram que as barreiras aos serviços tiveram origem na falta de resposta institucional à violência contra as mulheres (Shepard & Pence). As universidades têm sofrido com comportamentos disruptivos e violentos desde 1980, e parece não existir ainda uma solução para a crescente ameaça que paira sobre a vida académica (Baker & Boland).

Em resposta à importância deste tema, o Congresso aprovou várias leis ao longo dos anos 1990 dirigidos a chamar à atenção a agressão sexual nos campus, incluindo a Lei “Student Right-to-Know” e “Campus Security” de 1990, renomeada em 1998 “Jeanne Clery Disclosure of Campus Security Policy and Campus Crime Statistics Act”, agora comumente conhecida como Clery Act. Antes de 1988, menos de 4% das faculdades americanas relataram publicamente crimes que ocorreram nos seus campus. Em resposta a um movimento gerado pela família de Jeanne Clery, uma estudante que foi brutalmente torturada, violada e sodomizada no seu dormitório, a Pensilvânia aprovou uma lei que exigia a divulgação

obrigatória de crimes ocorridos nos campus. Surge assim a Clery Act. (McMahon, 2008). A Clery Act exige que as escolas que recebessem o financiamento “Title IV” divulgassem publicamente não só as suas estatísticas de criminalidade anuais, incluindo crimes sexuais, mas também indicassem a sua política relativamente à agressão sexual e descrevessem os programas educacionais fornecidos para promover a consciencialização da violação e outros crimes sexuais. (Coker et al., 2011). No entanto, nem todos os campus estão em conformidade com esta lei (Potter, Krider & McMahon, 2000, cit por Danis, 2008).

### “Clery Act”

Em 8 de Novembro de 1990, o Presidente George W. Bush assinou em lei o “Clery Act”. Este documento requer que, entre outras coisas, as instituições de educação superior submetam dados relativamente aos crimes no campus. As universidades devem fornecer contagens nas seguintes categorias: homicídio; homicídio negligente; crimes sexuais – forçados; crimes sexuais – não forçados; roubos; assaltos, furtos, furto de veículos motorizados; e fogo posto. Dentro desta Lei, crimes sexuais forçados incluem os seguintes tipos de incidentes:

A. Violação - O conhecimento carnal de uma pessoa, à força e/ou contra a vontade da pessoa; ou não à força ou contra a vontade da pessoa em que a vítima é incapaz de dar consentimento por causa da sua incapacidade mental ou física temporária ou permanente (ou por causa da sua idade).

B. Sodomia Forçada – relação sexual oral ou anal com outra pessoa, à força e/ou contra a vontade da pessoa ou não à força contra a vontade da pessoa em que a vítima é incapaz de dar consentimento por causa da sua idade ou por causa da sua incapacidade mental ou física temporária ou permanente.

C. Agressão Sexual com um Objecto - O uso de um objeto ou instrumento para penetrar, mesmo que ligeiramente, a abertura genital ou anal do corpo de outra pessoa, à força e/ou contra a vontade da outra pessoa ou não à força contra a vontade da pessoa em que a vítima é incapaz de dar consentimento por causa da sua idade ou por causa da sua incapacidade mental ou física temporária ou permanente.

D. Carícias Forçadas - Tocar nas partes íntimas do corpo de outra pessoa com a finalidade de satisfação sexual, à força e/ou contra a vontade da outra pessoa ou não à força contra a vontade da pessoa em que a vítima é incapaz de dar consentimento por causa da sua idade ou por causa da sua incapacidade mental ou física temporária ou permanente.

Até dia 1 de Outubro, todos os anos, as universidades são obrigadas a submeter relatórios que incluam as estatísticas do ano anterior e a torná-los públicos. Existem ainda punições para a não-participação na divulgação destes crimes. Contudo, estes continuam a ser pouco reportados, maioritariamente devido a “confusões jurisdicionais, ineficiência organizacional e preocupação com a confidencialidade do estudante (agressor)” (Dobbs, Waid & Shelley, 2009). Para garantir a precisão das estatísticas de crimes reportados, o Departamento de Educação faz auditorias periódicas.

A mais recente mudança legislativa no que diz respeito a este tema foi criada em 2014 pelo Presidente Obama e pela *White House Task Force* para proteger estudantes de agressão sexual divulgou seu relatório intitulado "Not Alone" (Task Force WH, 2014 cit. por Streng & Kamimura, 2015). O relatório "Not Alone" inclui dez áreas, que devem ser dirigidas dentro de uma política de má conduta sexual. Estas áreas são: 1) uma introdução; 2) O âmbito da política; 3) opções para assistência no caso de um abuso sexual; 4) a identificação do coordenador Título IX; 5) definições de várias formas de agressão; 6) as políticas de comunicação e protocolos; 7) procedimentos de investigação e protocolos; 8) procedimentos de reclamação e de adjudicação; 9) políticas de prevenção e educação; e 10) como funcionários e professores envolvidos são treinados.

### “Title IX”

O “título nove” da Reforma da Educação de 1972 proíbe a discriminação sexual na educação, afirmando que “nenhuma pessoa nos Estados Unidos deve, com base no sexo, ser excluído de participação em, ser negado benefícios de, ou ser submetido a discriminação sob qualquer programa de educação ou atividade que receba assistência financeira federal...” (Title IX, 2006, cit. por Veidlinger, 2016). Violações do “Title IX” podem ser punidas com a rescisão ou recusa de financiamento federal. Uma queixa “Title IX” contra uma instituição académica pode ser iniciada por qualquer órgão do governo de financiamento ou por um processo privado (DeMatteo et al, 2015).

Embora o “Title IX” seja frequentemente associado à discriminação sexual no que diz respeito ao desporto, aplica-se a toda a discriminação sexual na educação (Walker, 2010, cit. por DeMatteo et al, 2015), incluindo agressão sexual nos campus universitários (Cantalupo,

2011, cit. por DeMatteo et al, 2015). A aplicação do “*Title IX*” da violência sexual é baseada na premissa de que a agressão sexual interfere com o acesso dos estudantes do sexo feminino a uma educação igual, criando um ambiente hostil. Não só um ambiente hostil tem impacto na escolaridade, mas sobreviventes de abuso sexual frequentemente experienciam perturbações significativas na sua própria educação. Por exemplo, muitas sobreviventes têm sintomas de ansiedade e / ou depressão no seguimento de uma agressão sexual, o que pode ter um impacto negativo na sua atenção e concentração e, portanto, afetar o desempenho académico (Choudhary, Smith & Bossarte, 2012, cit. por DeMatteo et al, 2015) . Além disso, as sobreviventes de violência sexual podem evitar aulas ou áreas do campus onde possam encontrar o agressor (DeMatteo et al, 2015).

### **A Instituição Universitária**

Estudantes activistas, juntamente com alguns membros do governo, desempenharam um papel fundamental na sensibilização para a violência sexual e agressão sexual nos campus antes de 2010 , quando essas questões começaram a atrair a atenção nacional. Durante esses anos, ficou claro que era necessário que as universidades e faculdades fizessem grandes avanços na educação, prevenção e esforços de resposta neste contexto. Mas também ficou claro que as universidades e faculdades possuíam uma oportunidade única para influenciar e até mesmo levar a cabo mudanças sociais mais amplas necessárias para eliminar a violência sexual e agressão sexual. Estas melhorias iriam garantir que vítimas seriam melhor acompanhadas pelos campus, os agressores mais eficazmente sancionados, e a prevenção seria melhor implementada para tornar todo o campus mais seguro (Napolitano, 2015).

As universidades americanas são obrigadas por lei a providenciar as estatísticas anuais sobre homicídios no campus, abusos sexuais, furtos e agressões. O objectivo é providenciar informação sobre o crime no campus de forma a avaliar a segurança da universidade e reduzir o crime. Entre os anos de 1995 e 2002, os estudantes universitários foram vítimas de aproximadamente 470 000 crimes de violência por ano. Apesar de este número parecer alto, comparado com anos anteriores, os números mostram que houve uma queda de crimes violentos de 54%, o que foi atribuído à falta de denúncias por parte da instituição universitária, devido a vergonha, falta de apoio da administração e medo de retaliação por parte dos alunos (Baker & Boland).

Existe assim uma crença geral de que as universidades não fornecem informações precisas sobre os incidentes de abuso sexual. Este estudo constata que os relatórios universitários de agressão sexual aumentam em cerca de 44% durante o período de auditoria. Após a auditoria concluída, as taxas de agressão sexual relatadas caem para níveis estatisticamente indistinguíveis dos dados pré-auditoria. Os resultados são consistentes com a hipótese de que a prática comum das universidades é subestimar incidentes de agressão sexual (Yung, 2015).

A adoção generalizada de “*rape myths*” e a crença exagerada de que existem queixas falsas são os principais culpados de tanta hostilidade em relação às queixas de agressão sexual. “*Rape myths*” (mitos de violação) foram originalmente definidos como “crenças prejudiciais, estereotipadas ou falsas acerca de violação, vítimas de violação e violadores”, e mais tarde descritos por outros autores como “atitudes e crenças que geralmente são falsas, contudo persistentemente usadas e que servem para negar e justificar agressões sexuais de homens contra as mulheres” (McMahon, 2010). A polícia do campus e os administradores podem exibir as mesmas atitudes culturais hostis às queixas de violação e agressão sexual que foram encontradas na população em geral e nas forças policiais (Bouffard, 2000; Fisher, 1993; Human Rights Watch, 2013; Jordan, 2004; Lonsway & Archambault, 2012; Schulhofer, 1998; Spohn & Tellis, 2010-2011; Taslitz, 1998; Walker & Katz, 2008, cit por Yung, 2015). Além disso, os funcionários responsáveis pela apresentação de estatísticas criminais podem ter incentivos profissionais se relatarem níveis mais baixos de agressões sexuais para promover objetivos de carreira e preservar a reputação da sua instituição. Elevadas taxas de violência sexual fazem com que o desempenho no trabalho de indivíduos responsáveis por esses crimes seja percebido como insuficiente. No entanto, os números de agressão sexual consistentemente baixos podem resultar em promoções ou outras formas de progressão na carreira.

Alguns futuros alunos e os seus pais usam os dados de criminalidade como parte do processo de tomada de decisão na escolha de universidades. Como resultado, relatos de altas taxas de agressão sexual podem ser vistos como um prejuízo para a meta de uma instituição de obter estudantes de qualidade no recrutamento. Consequentemente, as instituições de ensino superior podem ter um incentivo para minimizar as estatísticas de criminalidade particularmente salientes. Por exemplo, se uma escola se destaca como tendo um alto índice

de violência sexual contra as outras escolas, corre o risco de atrair menos alunos, sofrendo danos na reputação a longo prazo. Os administradores também têm incentivos profissionais para evitar escândalos associados com altos níveis de criminalidade. Se uma universidade é percebida como tendo um problema de agressão sexual desenfreada, estudantes ou organizações de defesa podem apresentar queixa, levando a uma investigação “Título IX” com base na discriminação de gênero (Wilson, 2014, cit por Yung, 2015).

Os resultados deste estudo indicam que nos dados de agressão sexual fornecidos pelas escolas são provavelmente subestimados severamente o número de incidentes relatados nos campus. Consequentemente, os administradores das escolas, a polícia do campus, a polícia municipal, e o público em geral estão a subestimar a gravidade real da agressão sexual no campus. Além disso, dependendo da fase do inquérito, as universidades podem impedir que estas queixas cheguem ao tribunal, permitindo que violadores em série continuem a fazer mais vítimas (Yung, 2015).

### **Programas de Prevenção**

Para abordar estas taxas alarmantes de vitimização de estudantes, os campus universitários foram instruídos pelo Departamento de Educação para conduzirem programas de prevenção da violência (Ali, 2011, cit por Reed et al., 2014). Também o Congresso destinou verbas para o “*Office of Violence Against Women*” (OVW) para financiar bolsas que incentivem o desenvolvimento de programas que abordem a violência no namoro, a agressão sexual e a perseguição nos campus universitários (Coker et al, 2011)

Em resposta à legislação e ao conhecimento de que os *campus* enfrentavam uma epidemia de violência sexual, defensores e administrativos responderam através da implementação de programas de sensibilização e de redução de riscos destinados a diminuir a probabilidade de uma mulher ser atacada. As estratégias de sensibilização têm procurado aumentar o entendimento dos alunos acerca dos perigos da violência sexual e quais os programas de intervenção que estão disponíveis. As estratégias de redução de risco procuram ensinar a mulheres estratégias para reduzir a probabilidade de se tornarem vítimas. Vários estudos sugerem que, embora os programas de redução de risco possam ser eficazes a curto prazo no aumento de comportamentos de protecção e mudança de atitudes, nenhum efeito sobre as taxas de violência sexual foi notado (Gidycz et al, 2001; Andreson et al., 1998);

Gidycz, Rich, Orchowski, King & Miller, 2009 cit por Coker et al, 2011). Com pouca evidência para sugerir que estas estratégias têm sido eficazes na diminuição da taxa de violência sexual nos *campus* universitários, os investigadores começaram a centrar a sua atenção na prevenção.

Novas evidências sugerem que o alvo de programas de prevenção da violência mais bem sucedido está assente na mudança das normas comunitárias sobre a violência sexual (Ahrens, Rich & Ulman, 2011; Casey & Lindhorst, 2009; Langhinrichsen-Rohling, Foubert, Brasfield, Hill & Shelley-Tremblay, 2011; Swift & Ryan-Finn, 1995 cit por Reed et al., 2014).

Apesar de uma maior sensibilização para o problema da violência sexual, os programas de prevenção no campus têm tido uma lenta implementação (Fisher et al, 2000; Karjane, Fisher & Cullen, 2005, cit por Potter et al., 2008). As universidades têm tentado reduzir a incidência de violação, oferecendo programas como o fornecimento de serviços de treino de auto-defesa e de escolta para as mulheres (Sochting et al., 2004, cit por Potter et al., 2008), um foco que é problemático para a sua ênfase na violação perpetrada por um estranho ao invés da situação mais prevalente, que é o agressor ser conhecido da vítima (Fisher et al, 2000; Karjane et al, 2005; Parrot & Cummings, 1994, cit por Potter et al., 2008). Uma mudança de paradigma recente na prevenção da violência sexual transferiu o foco de vítimas e agressores em direção à comunidade como um mecanismo para a redução do número de vítimas e agressores (Banyard, Plante & Moynihan, 2004, 2005; Fabiano, Perkins, Berkowitz, Linkenbach & Stark, 2003, cit por Potter et al., 2008). Uma série de estratégias de prevenção já começaram a concentrar-se nos “*bystanders*” a intervirem em situações relacionadas com a violência contra as mulheres (Banyard, Moynihan & Plante, 2007; Foubert, 2000, cit por Potter et al., 2008). Os Centros para Controlo e Prevenção de Doenças (CDC) recomendou a adopção de uma abordagem de saúde pública que incida sobre a responsabilidade de todos os membros da comunidade para reduzir a violência sexual e que enfatize a avaliação da eficácia das estratégias de prevenção antes de serem amplamente divulgadas (CDC, 2004). As campanhas publicitárias são uma componente importante dos esforços de prevenção em toda a comunidade, porque estas atingem um público maior e variado (Cavill & Bauman, 2004; Nation et al, 2003, cit por Potter et al., 2008) e têm sido usadas como uma ferramenta de prevenção primária para educar o público acerca de inúmeras questões de saúde (Potter, Stapleton & Moynihan, 2008).

Tendo em conta os dados da Tabela 1, podemos verificar que nela estão exemplificados três estudos distintos que implementaram o mesmo programa de prevenção de violência sexual numa ou mais universidades, o “*Green Dot*”, e todos eles tiveram resultados positivos, na medida em que os estudantes que frequentaram o programa estavam mais atentos a comportamentos violentos e sabiam como evitá-los e como intervir nessas situações, sendo que no último estudo, o campus que implementou o programa teve números mais baixos de vítimas e de violência perpetrada do que os outros dos campus que não tiveram qualquer intervenção. Não só estes três estudos, como praticamente todos os estudos que envolvem a implementação de programas têm resultados semelhantes (Coker, et al., 2011; Potter, S., Moynihan, M., Stapleton, J., & Banyard V., 2009; Coker, et al, 2014; Coker et. al, 2016; Siffin et. al, 2013; Reed et. al, 2015; Potter, Moynihan, Stapleton & Banyard, 2008; Senn, 2013).

Estes estudos são apenas três, mas a verdade é que não faltam diferentes programas inovadores que estão a ser testados nos campus universitários e que têm obtido resultados positivos, tal como o programa “*Take Care*”, que é um programa on-line baseado na política dos “*bystanders*” e que, por ser on-line tem uma maior facilidade de distribuição e quanto aos resultados destacam-se os seguintes: os participantes que viram o programa mostraram ser mais eficazes no papel de “*bystander*” na intervenção após o acontecimento, comparados com os que visualizaram apenas o programa de controlo (Kleinasser, Jouriles, McDonald & Rosenfield, 2015; Jouriles et. al, 2015).

Autor, Data, Título e Objectivo	Método	Resultados
- Coker, A. et al. (2011) - Evaluation of Green Dot: An Active Bystander Intervention to Reduce Sexual Violence on College Campuses - Determinar se as duas fases do programa “ <i>Green Dot</i> ” mudavam normas sociais no que diz respeito à violência e se aumentavam os comportamentos de vigilância activos, no sentido de detectar algum tipo de violência que estivesse a decorrer à sua volta.	- 2504 estudantes universitários entre os 18 e os 26 anos - Palestras sobre o programa no início do ano lectivo - Aplicação do programa aos estudantes - <i>Illinois Rape Acceptance Scale (IRMA)</i> (Payne, Lonsway, & Fitzgerald, 1999) - <i>Acceptance of General Dating Violence Scale</i> (Foshee et. al., 1996)	- Estudantes que frequentaram o programa “ <i>Green Dot</i> ” estavam mais atentos a comportamentos violentos e como evitá-los do que os que não tinham frequentado

<p>- Potter, S., Moynihan, M., Stapleton, J., &amp; Banyard V. (2009)</p> <p>- Empowering Bystanders to Prevent Campus Violence Against Women: A Preliminary Evaluation of a Poster Campaign</p> <p>- Avaliar a eficácia de uma campanha em forma de poster para determinar se existe um aumento de comportamento vigilante entre os estudantes e capacidades de intervir em situações de violência sexual</p>	<p>- 372 estudantes universitários</p> <p>- Posters espalhados pelo campus e distribuídos em formato menor</p> <p>- <i>Stages-of-Change Scale</i> (Banyard et al., 2005)</p>	<p>- Os participantes que viram os posters estavam mais conscientes em relação à problemática em questão e mais dispostos a intervir em acções com o objectivo de reduzir a violência sexual, contrariamente aos estudantes que não viram os posters.</p>
<p>- Coker, A., et al. (2014)</p> <p>- Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses</p> <p>- Verificar se a frequência de victimização e perpetração da violência é menor entre estudantes que frequentem a universidade com intervenção do que nos outros campus universitários sem intervenção; verificar se a frequência da violência é menor entre os indivíduos que frequentaram o programa “Green Dot”.</p>	<p>- 2768 estudantes da universidade que teve intervenção</p> <p>- 4258 estudantes das universidades de comparação</p> <p>- Adaptação das seguintes escalas: <i>National Intimate Partner and Sexual Violence Survey</i> (Black et al., 2011); <i>Sexual Experiences Questionnaire</i> (Fitzgerald, Magley, Drasgow, &amp; Waldo, 1999); <i>National Violence Against Women Survey</i> (Tjaden &amp; Thoennes, 1998); <i>Revised Conflicts Tactic Scales</i> (Strauss, Hamby, &amp; Warren, 2003).</p>	<p>- O campus que implementou o “Green Dot” tinha valores mais baixos de victimização e violência perpetrada, comparativamente aos outros dois campus que não tiveram qualquer intervenção.</p>

**Tabela 1:** Comparação entre programas de prevenção da violência no campus universitário

Face ao que anteriormente foi descrito e tendo em conta que a violência sexual no campus universitário é um fenómeno que tem vindo a tomar grandes proporções, e que afecta de forma bastante negativa o progresso escolar e a vida pessoal das vítimas, as questões de investigação que serão base deste estudo são as seguintes:

Questão 1: Estudar a incidência da violência sexual no campus universitário em Portugal.

Questão 2: Averiguar se existem diferenças de género no que diz respeito à violência sexual no campus universitário em Portugal.

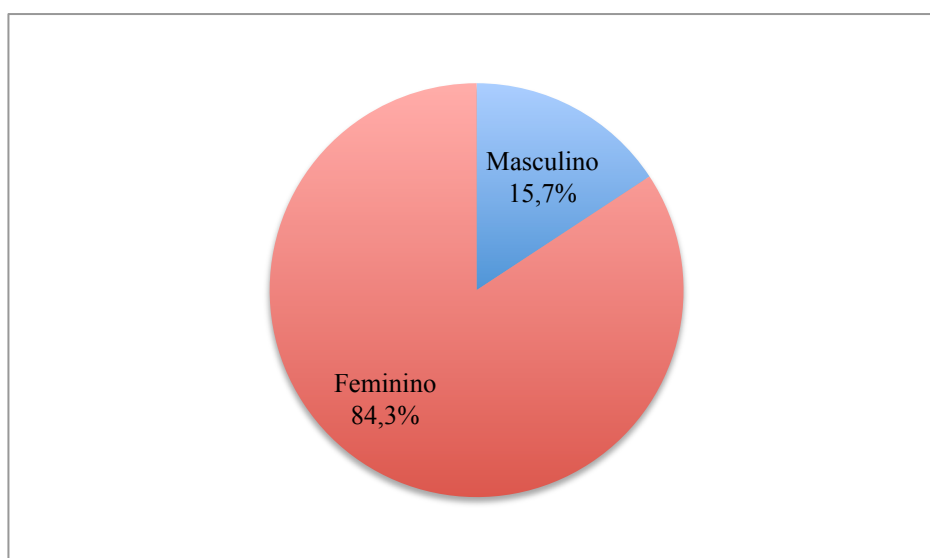
### 3. Método

#### Objecto de Estudo

A presente investigação pretende estudar a incidência de violência sexual entre estudantes universitários. Desta forma, pretende-se informar a sociedade da existência desta problemática e consequentemente fazer com que sejam implementadas medidas adequadas tanto de prevenção como de intervenção com o intuito de diminuir o número de vítimas de crimes sexuais nas universidades portuguesas.

#### 3.1 Participantes

Para esta dissertação foi recolhida uma amostra de 108 participantes, estudantes universitários, não existindo qualquer critério para exclusão da amostra. Verifica-se uma percentagem de 84,3% mulheres (91 indivíduos) e 15,7% homens (17 indivíduos), com idades a partir dos 17 anos. (Figura 1).



**Figura 2:** Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição quanto ao sexo

Em relação à caracterização da amostra pode verificar-se (Tabela 2) que, no que diz respeito à frequência de idades, existe uma maior frequência nos 25 anos ou mais (29

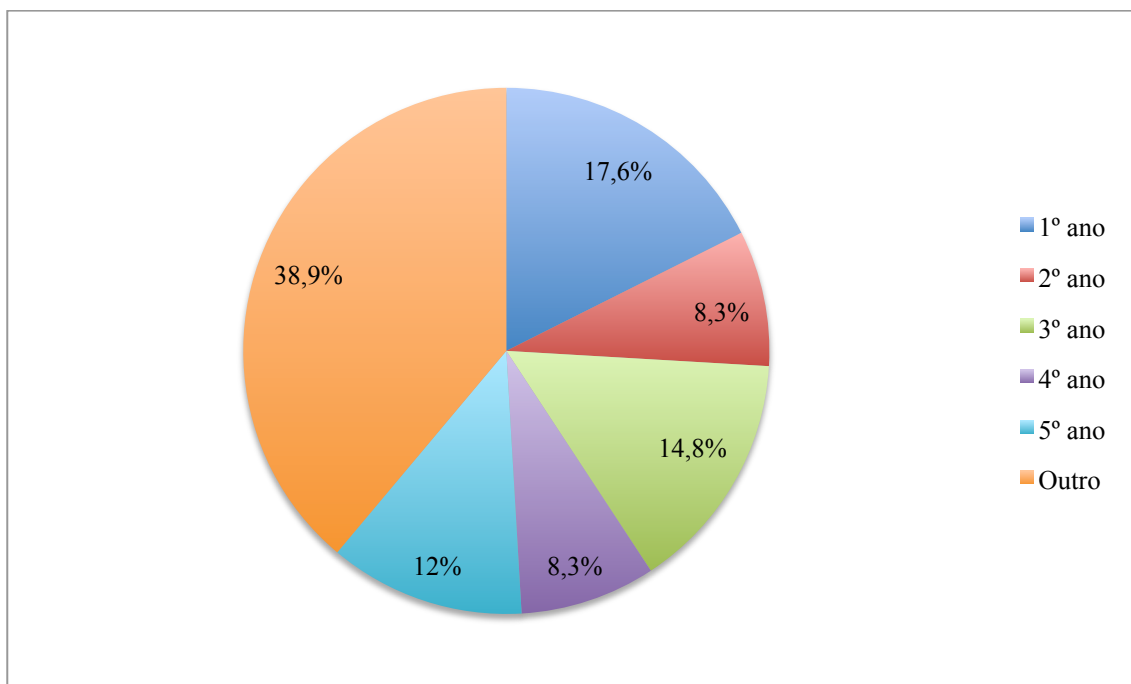
participantes) seguidamente dos participantes com 17 anos (14 participantes), que constituem 42% da amostra.

Seguidamente, com maior frequência estão os indivíduos com 23 anos, representando 11,1% da amostra. As idades de 19 e 22 anos tem valores idênticos e representam cada uma 9,3% da população. A menor frequência está centrada nos indivíduos com 20 e 21 anos (5 e 8 participantes, respectivamente) o que diz respeito a 12% da amostra conjuntamente.

<b>Idade</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>17</b>	14	13%
<b>18</b>	9	8,3%
<b>19</b>	10	9,3%
<b>20</b>	5	4,6%
<b>21</b>	8	7,4%
<b>22</b>	10	9,3%
<b>23</b>	12	11,1%
<b>24</b>	11	10,2%
<b>25 ou mais</b>	29	26,9%
<b>Total</b>	108	100%

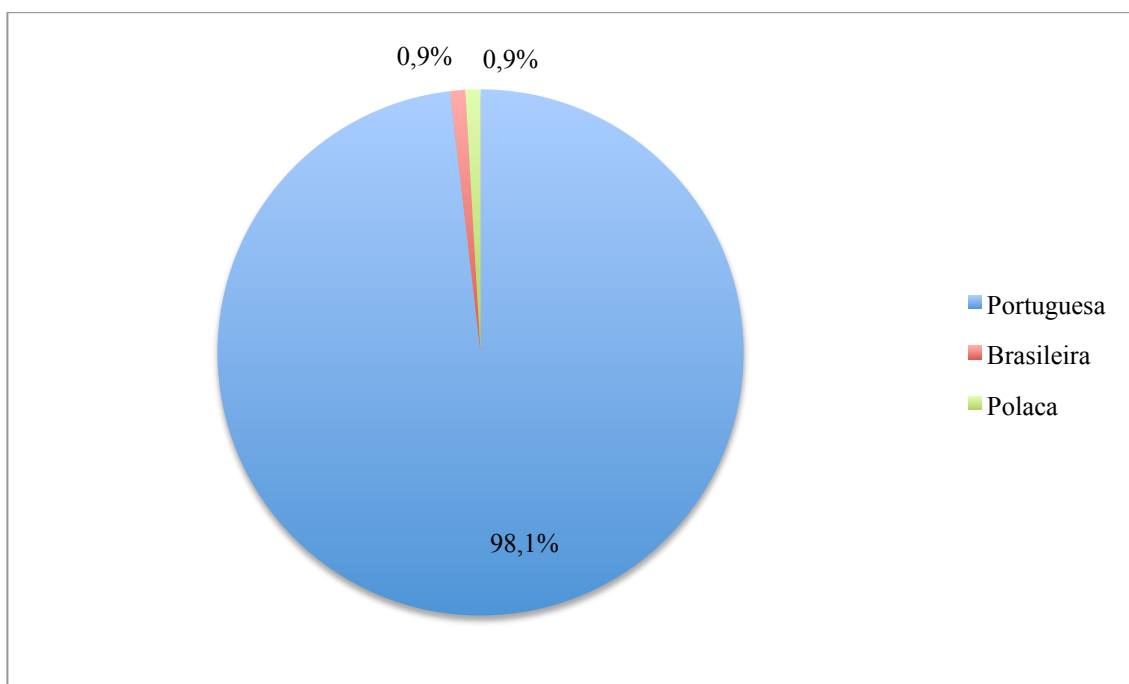
**Tabela 2:** Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face às idades

No que diz respeito ao ano académico frequentado pelos participantes, 19 inquiridos frequentam o 1º ano, representando 17,6% da amostra. O 2º e o 4º anos são os menos representados nesta amostra, com apenas 9 participantes cada um, tendo uma representatividade cumulativa de 16,6%. A opção com os valores mais elevados, com 42 indivíduos e representando 38,9% da amostra é a Outro, o que significa que estes indivíduos não frequentam nenhum ano específico, podendo encontrar-se a frequentar uma Pós-Graduação ou Doutoramento (Figura 2).



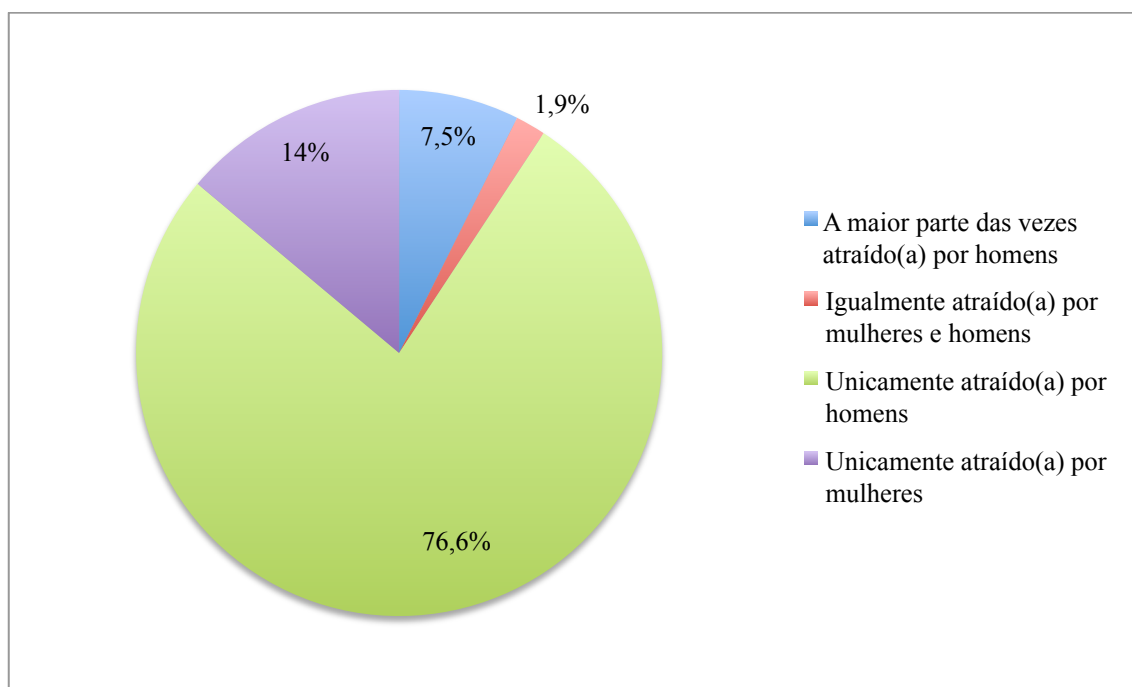
**Figura 3:** Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face ao ano

Quanto à nacionalidade da amostra, a esmagadora maioria é de nacionalidade Portuguesa, sendo que apresenta 106 indivíduos, representando 98,1% da população. Apenas existe um indivíduo de nacionalidade Brasileira e um indivíduo de nacionalidade Polaca, representando 0,9% da amostra cada um (Figura 3).



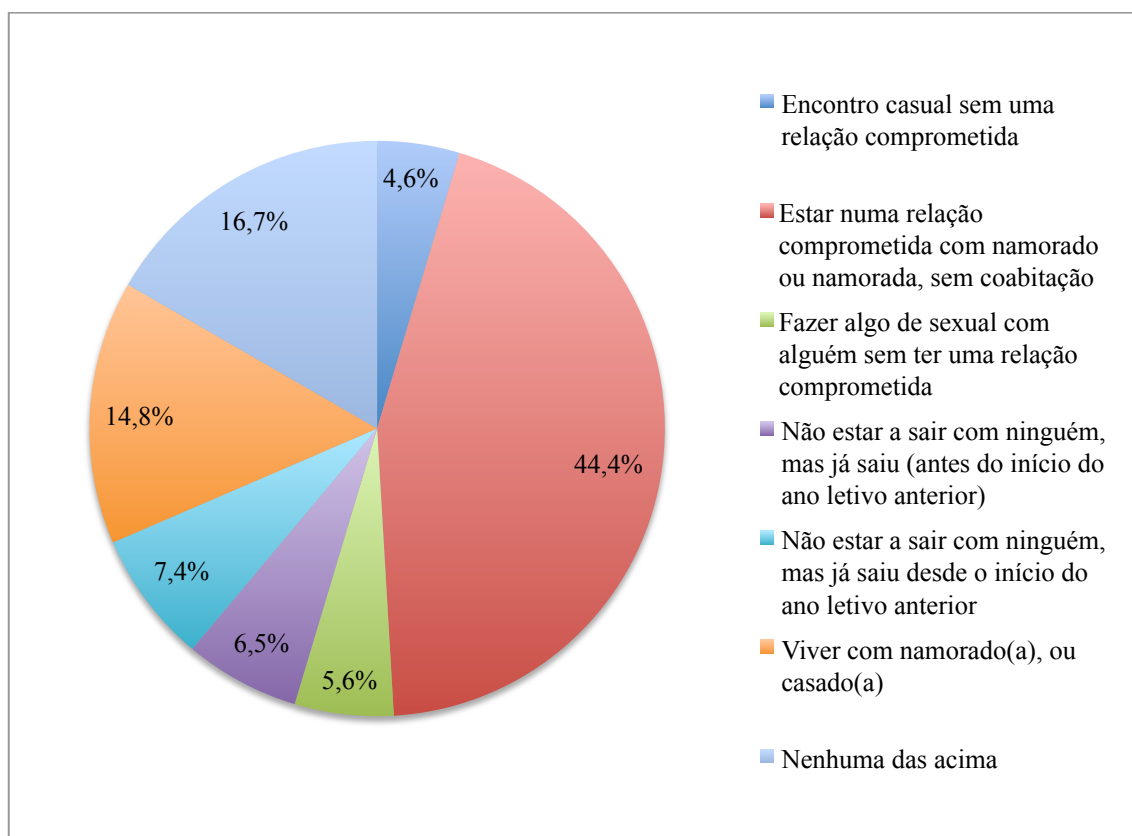
**Figura 4:** Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face à nacionalidade

Quanto à orientação sexual, a grande maioria (76,6%) dos indivíduos sente-se unicamente atraído(a) por homens, no entanto, 14% da amostra sente-se unicamente atraído(a) por mulheres, 7,5% sente-se atraído(a) por homens a maior parte das vezes e 1,9% sente-se igualmente atraído(a) por homens e mulheres.



**Figura 5:** Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face à orientação sexual

Por fim, no que concerne ao estado civil, a maioria dos participantes estão numa relação comprometida, sem coabitação (44,4%), seguido pelos participantes que não se identificaram com nenhuma das opções apresentadas, que representam 16,7% da amostra. 14,8% dos participantes é casado ou vive com o(a) companheiro(a), 13,9% encontra-se solteiro, sem qualquer tipo de relação, 4,6% tem encontros casuais sem uma relação comprometida e 5,6% tem relações sexuais com alguém, mas sem uma relação comprometida (Figura 3).



**Figura 6:** Caracterização da amostra da investigação em termos da sua distribuição face ao estado civil

### 3.2 Delineamento

A presente investigação apresenta um tipo de estudo descritivo, uma vez que se pretende dar a conhecer determinadas características de um fenómeno, (Marôco & Bispo, 2005) sendo que neste caso pretende-se estimar a taxa de incidência de violência sexual, com uma amostra não probabilística, que significa que a probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos restantes elementos, uma vez que os elementos foram seleccionados pela sua conveniência ao estudo (Marôco, 2010). No caso do presente estudo, refere-se a estudantes universitários.

Para a obtenção dos resultados, procedeu-se à aplicação de um questionário on-line de auto-preenchimento.

### 3.3 Procedimento

A presente investigação recorreu do questionário “Violence Prevention Survey”, elaborado por Ann L. Coker, Bonnie S. Fisher, Heather M. Bush, Suzanne C. Swan, Corrine

M. Williams, Emily R. Clear e Sarah DeGue. Primeiramente foi realizado um pedido de autorização para a tradução do questionário a uma das autoras da escala, tendo sido aceite. Assim, foi feita a tradução do questionário com a ajuda da Prof. Maria João Vargas-Moniz e do Prof. José Ornelas, adaptando-o para o âmbito do estudo. É de referir que foi feito um esforço para que a versão traduzida fosse o mais fiel possível à versão original.

Para a validação fácil, a versão elaborada foi exposta ao grupo de alunos de seminário do Prof. José Ornelas, com experiência em técnicas psicométricas, no sentido de averiguar a perceptividade do instrumento, a nível de conteúdo e semântica.

Realizou-se, então, a validação do processo de resposta, no qual foi pedido aos participantes que transmitissem como entendiam os itens. Desta aplicação resultaram algumas alterações. Foi ainda elaborado um texto introdutório que precede o questionário, de forma a informar os participantes do objectivo do estudo, e onde foi garantido o anonimato do participante e das suas respostas, bem como o carácter voluntário do preenchimento, podendo desistir a qualquer altura, caso assim o desejasse.

Por fim, realizou-se a aplicação do instrumento em formato on-line, através do software “*Google Drive*”. A versão aplicada foi uma versão reduzida, com apenas 38 questões, de forma a que o tema se centrasse apenas na violência sexual, excluindo os temas do questionário original que não estão a ser estudados nesta investigação, tais como: stalking, violência no namoro e as questões relacionadas com perpretação de violência. Foi escolhida esta via de forma a existir um completo anonimato dos sujeitos, mas também para proteger a autenticidade das respostas, uma vez que é mais provável que os participantes respondam verdadeiramente no conforto das suas casas, sem um investigador à sua frente. A divulgação foi efetuada através de e-mail para instituições e colegas e pelas redes sociais, pedindo a divulgação pelas redes de contactos dos participantes, usando o método *Snowball Sampling* (Biernacki & Waldorf, 1981), ideal para o estudo em questão.

Após a recolha dos dados, estes foram analisados estatisticamente com recurso à ferramenta *Statistical Package for the Social Science* (SPSS).

### 3.4 Instrumento

Neste estudo foi utilizado como base um questionário on-line com 198 questões, que visa medir a vitimização e agressão perpetrada ou sofrida pelos inquiridos. Este questionário foi posteriormente adaptado ao tema específico em questão, culminando numa versão reduzida com apenas 38 questões. Este questionário foi construído por Ann L. Coker, Bonnie S. Fisher, Heather M. Bush, Suzanne C. Swan, Corrine M. Williams, Emily R. Clear e Sarah DeGue para o estudo “*Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses*” (2014) e resulta da combinação de várias outras escalas amplamente utilizadas na área da violência, tais como: *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (Black et al., 2011); *Sexual Experiences Questionnaire* (Fitzgerald, Magley, Drasgow, & Waldo, 1999); *National Violence Against Women Survey* (Tjaden & Thoennes, 1998) e *Revised Conflicts Tactic Scales* (Straus, Hamby, & Warren, 2003). Cada uma destas escalas foi adaptada de forma a que existisse uma homogeneidade entre as várias formas de violência e se esta foi sofrida ou perpetrada.

Relativamente à caracterização do instrumento, este está dividido em quatro partes distintas. A primeira parte diz respeito a questões demográficas, tais como: idade, sexo, ano escolar, nacionalidade, atracção sexual, e estado civil actual. A segunda parte do instrumento é constituída pelos itens que se referem às diferentes formas de violência sofrida ou perpetrada, sendo estas: sexo forçado ou não desejado; assédio sexual; perseguição (*stalking*) e violência física e psicológica no namoro. Foi perguntado aos estudantes com que frequência tinham experienciado violência sexual como vítima, sendo que tinham várias opções de resposta: “0 vezes”, “1 vez”, “2 vezes”, “3-5 vezes”, “6-9 vezes” “10 ou mais vezes”, “Sim, mas não desde o início do ano lectivo de 2010”, “Escolho não responder”. A terceira parte diz respeito à implementação de programas para prevenir a violência, que não existem em Portugal, e a quarta e última parte contempla questões sobre a situação habitacional do inquirido, se pratica desporto, etc. Para o estudo em questão, apenas foram utilizadas as questões demográficas e as questões relacionadas com a frequência da violência sexual sofrida, uma vez que houve bastante resistência por parte dos participantes para responderem a um questionário tão extenso como o inicial.

Antes da aplicação, o questionário foi traduzido, sendo posteriormente revisto juntamente com uma das criadoras da versão em inglês (Suzanne Swan), de forma a averiguar a adequação do instrumento ao objectivo do estudo.

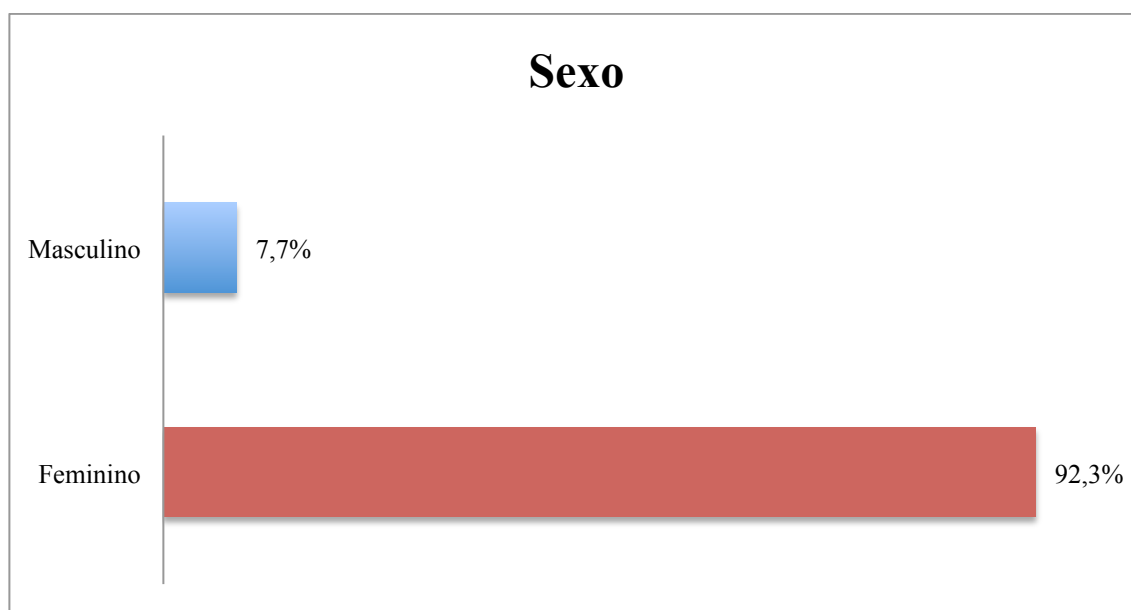
#### 4. Análise dos resultados

##### 4.1 Dados descritivos

Dos 108 participantes que constituem a amostra desta investigação, 91 indivíduos são mulheres (84,3%) e 17 são homens (15,7%), com idades a partir dos 17 anos. 98,1% dos participantes era de nacionalidade portuguesa, 76,6% sentia-se unicamente atraída por homens, e 44% destes participantes encontram-se numa relação comprometida sem coabitação.

##### 4.2 Incidência

Relativamente aos dados que foram obtidos através do questionário foi apurada uma incidência de abuso sexual de 12%, o que corresponde à frequência absoluta de 13 indivíduos dos 108 que englobam a totalidade da amostra, onde aproximadamente 92,3% (12 indivíduos) corresponde ao sexo feminino e 7,7% (1 indivíduo) ao sexo masculino. Doravante, os dados apresentados nesta investigação dirão apenas respeito a esta população específica, que foi alvo de algum tipo de violência sexual.

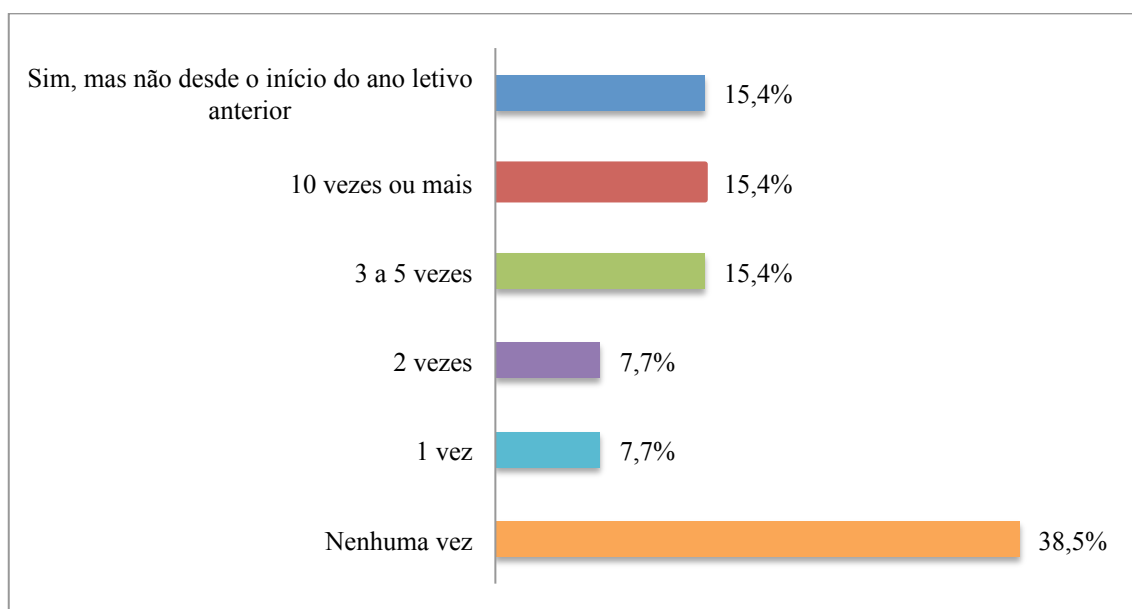


**Figura 7:** Incidência da violência sexual no que diz respeito ao sexo

### 4.3 Ocorrência de Abuso

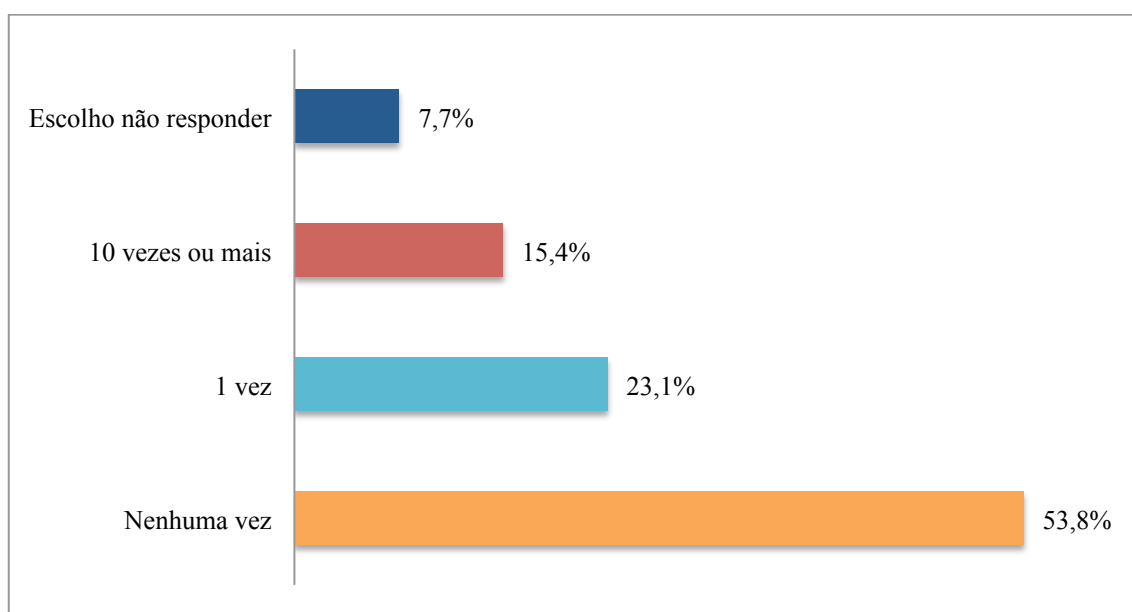
No instrumento utilizado neste estudo, existem três questões relativamente à ocorrência de abuso, especificando cada uma delas uma razão diferente pela qual a vítima terá sofrido alguma relação sexual não consentida.

No que diz respeito à questão “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?”, podemos verificar que 15,4% da amostra esteve envolvido em relações sexuais não consentidas por esta razão 10 vezes ou mais. Exactamente a mesma percentagem de indivíduos (15,4%) esteve envolvida em relações sexuais não consentidas 3 a 5 vezes, e outros 15,4% da população esteve envolvida em relações sexuais não consentidas, mas antes do início do ano lectivo anterior. Com ocorrências de “uma vez” e “duas vezes”, os valores são de 7,7% para cada uma (Figura 7). Podemos, desta forma, concluir que 61,6% da amostra esteve envolvido em relações sexuais não consentidas com alguém por pressão psicológica pela parte da outra pessoa, o que constitui um valor bastante alto e preocupante.



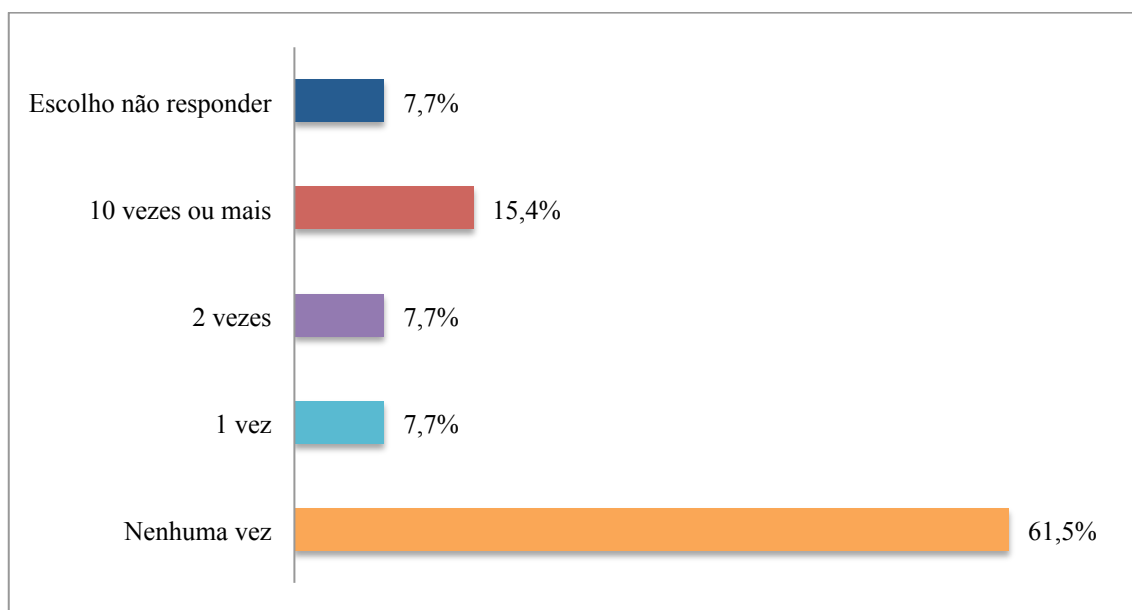
**Figura 8:** Percentagem de respostas à questão: “Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?” (Questão 1)

Relativamente à questão “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?”, podemos verificar que 23,1% dos inquiridos respondeu que teve relações sexuais não consentidas devido ao consumo de álcool uma vez, 15,4% da amostra respondeu que esta situação lhe tinha acontecido desde o início do ano lectivo 10 vezes ou mais, e 7,7% escolheu a opção “Escolho não responder” (Figura 8).



**Figura 9:** Percentagem de respostas à questão: “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?” (Questão 2)

Por fim, no que diz respeito à questão “Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?”, podemos observar através da Figura 9 que, apesar da grande maioria – 61,5% - nunca ter tido qualquer atividade sexual não desejada devido ao uso de força pela outra pessoa, existe uma percentagem significativa de 15,4% que experienciou esta situação 10 vezes ou mais, 7,7% foi alvo de uma actividade sexual não desejada contra a sua vontade devido ao uso de força 2 vezes, e 7,7% responde que esteve nesta situação uma vez, o que perfaz um total de 30,8% dos inquiridos que já foi vítima desta situação específica.



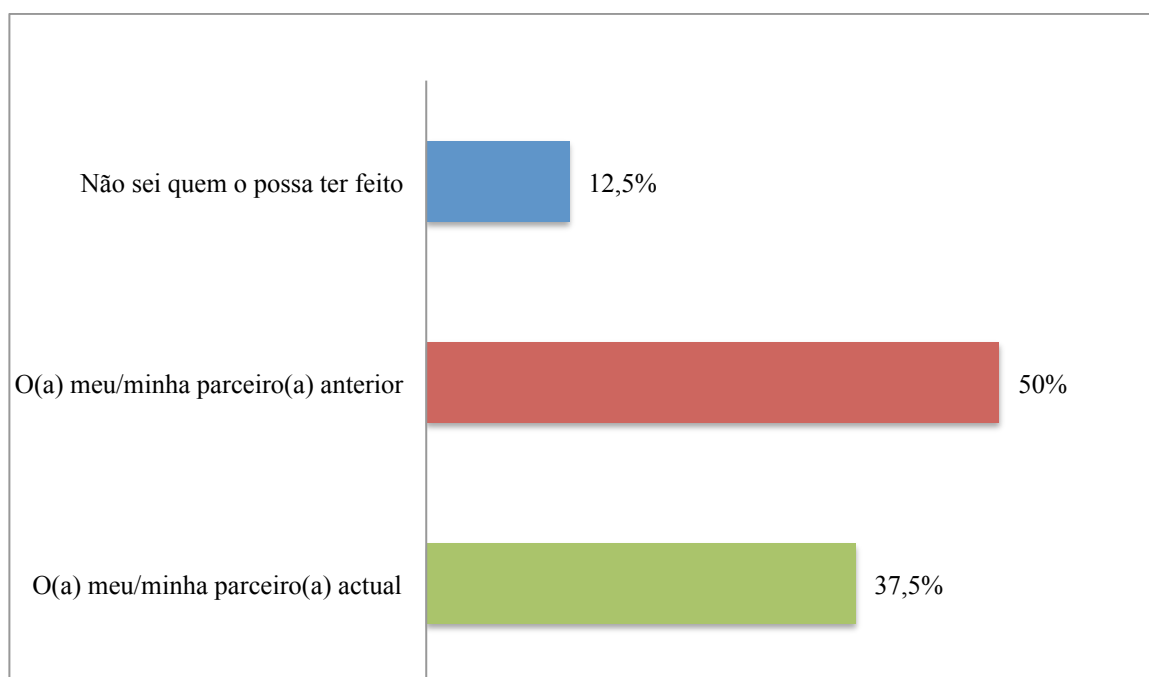
**Figura 10:** Percentagem de respostas à questão: “Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?” (Questão 3)

#### 4.4 Relação com o agressor

Seguidamente a cada uma das questões apresentadas anteriormente, surgia a questão “Quem fez isso?”, de forma a que se conseguisse determinar a relação da vítima com o agressor. Nesse sentido, serão aqui apresentados os resultados que dizem respeito ao perpetrador do abuso mediante as três questões diferentes que foram apresentadas no segmento anterior dos resultados deste estudo.

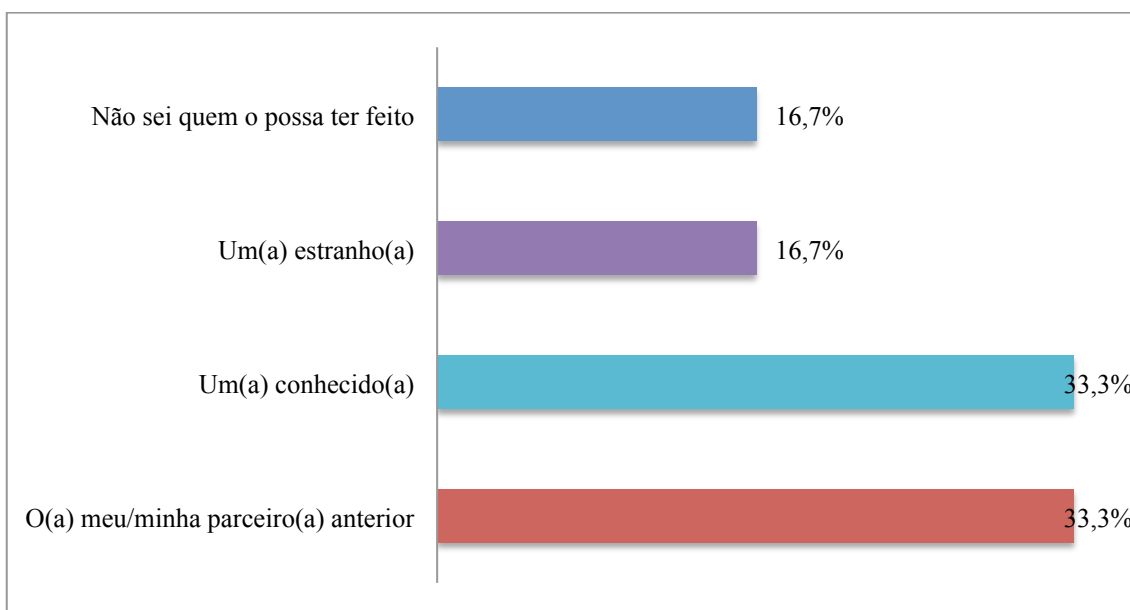
Desta forma, no que diz respeito à questão “Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?”, quando foram inquiridos sobre quem teria feito isso, 50% dos participantes respondeu que foi o(a) seu/sua parceiro(a) anterior, e 37,5% respondeu que foi o(a) seu/sua parceiro(a) actual, o que faz sentido, uma vez que a questão se refere a ter estado envolvido em atividades sexuais não consentidas devido a ter havido uma pressão de término de namoro ou por pedidos insistentes, plausível quando a vítima se encontra numa relação amorosa. Apesar disso, 12,5% dos participantes responde que não sabe quem foi o perpetrador deste abuso, perfazendo um total de 87,5% de perpetradores conhecidos (e íntimos) da vítima e apenas 12,5% de perpetradores

desconhecidos das vítimas (Figura 10). Esta questão não apresenta respostas nas alíneas “Um(a) estranho(a)” e “Um(a) conhecido(a)”, dando a oportunidade de concluir que esta situação específica de ocorrência de abuso é mais comum em relações amorosas, uma vez que existem pressões psicológicas, pedidos insistentes e até ameaças de terminar a relação, fazendo com que a vítima ceda.



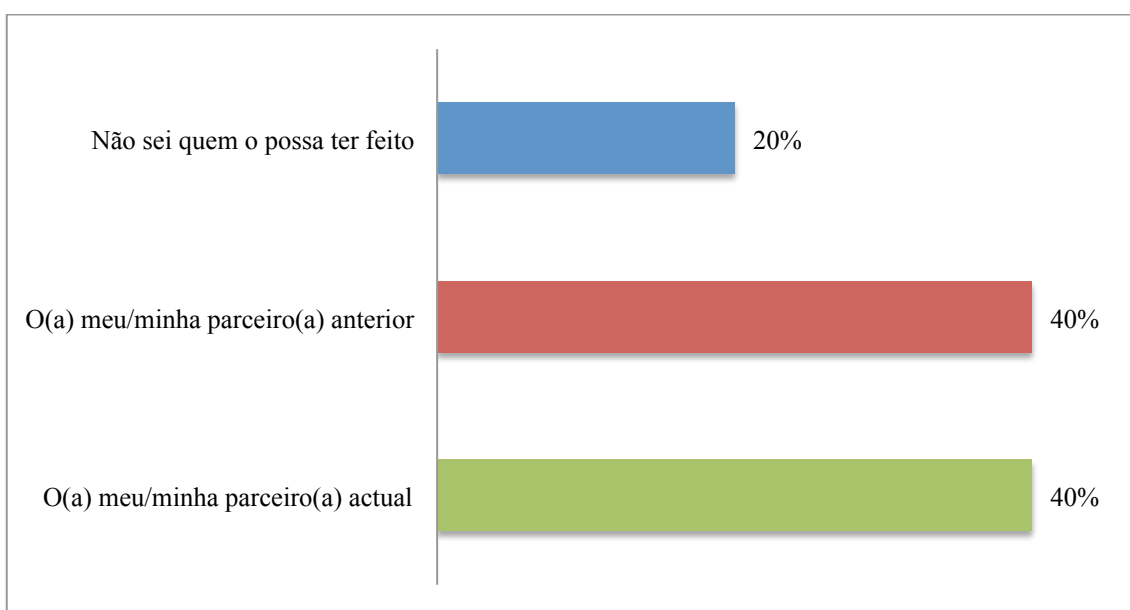
**Figura 11:** Percentagem de respostas sobre a relação com o agressor, relativamente à Questão 1

Relativamente à questão “Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?”, quando inquiridos sobre quem teria feito isso, 33,3% dos participantes responderam que teria sido o(a) seu/sua parceiro(a) anterior, 33,3% responderam que teria sido um(a) conhecido(a), 16,7% dos inquiridos responderam que foi um estranho e outros 16,7% responderam que não sabe quem possa ter feito o abuso. Isto perfaz uma percentagem total de 66,6% de agressores que conhecidos da vítima, o que significa que mais de metade dos perpetradores são conhecidos das vítimas (Figura 11).



**Figura 12:** Percentagem de respostas sobre a relação com o agressor, relativamente à Questão 2

Por fim, no que diz respeito à questão “Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?”, quando inquiridos sobre quem teria feito isso, 40% responderam que foi o(a) parceiro(a) actual, outros 40% dos participantes responderam que foi o(a) seu/sua parceiro(a) anterior, e 20% responderam que não sabem quem possa ter feito o abuso (Figura 12). Isto significa que 80% dos perpetradores deste tipo de violência sexual era ou é companheiro da vítima, e apenas 20% é desconhecido da vítima.



**Figura 13:** Percentagem de respostas sobre a relação com o agressor, relativamente à Questão 3

#### 4.5 Procurar ajuda

A questão relativa a este tema perguntava aos participantes se, desde o início do ano lectivo anterior, tinha falado com algum(a) amigo(a), familiar, profissional, telefonado para alguma linha de apoio, procurado ajuda médica ou chamado a polícia em resultado de relações sexuais não consentidas. Conforme podemos verificar na Tabela 4, a percentagem de participantes que nunca pediu ajuda em resultado de relações sexuais não consentidas encontra-se sempre de 61,5% para cima, chegando a atingir valores de 92,3% nas opções “Falei com um familiar” e “Contactei um organização ou centro de apoio”, revelando que estas são as opções menos utilizadas pelas vítimas.

Curiosamente, a opção com mais respostas na alínea “Sim, desde o início do ano lectivo anterior” foi a “Procurei ajuda on-line”, demonstrando que as vítimas preferiram procurar ajuda junto de desconhecidos, talvez com histórias semelhantes à sua, de forma a que conseguissem compreender realmente pelo que estavam a passar.

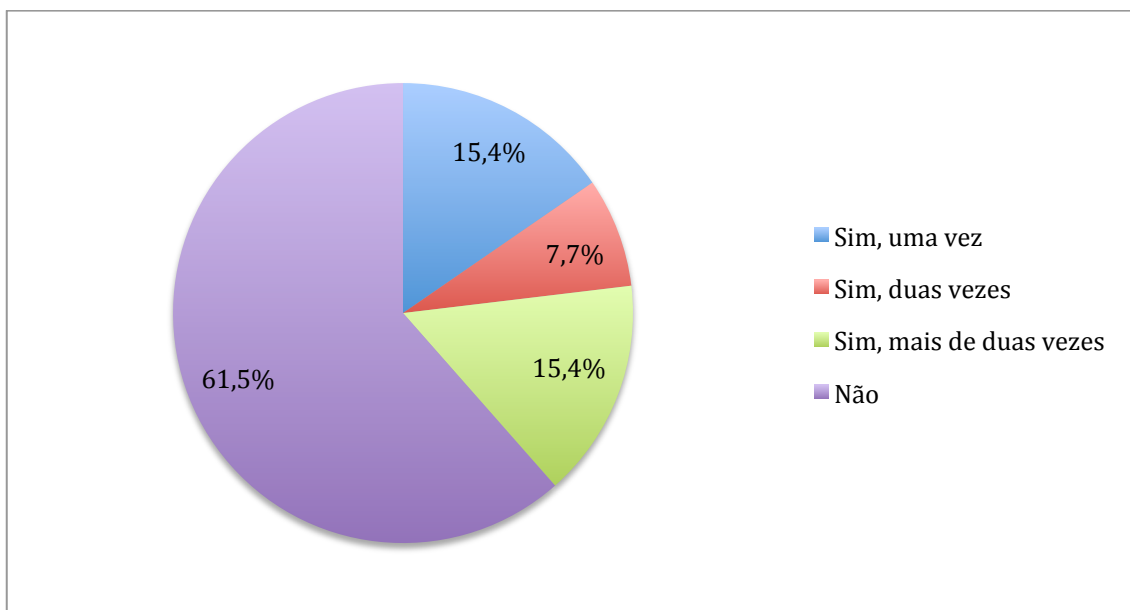
Questões	Não	Sim, desde o início do ano lectivo anterior	Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior	Não responde
Falei com um(a) amigo(a)	76,9%	7,7%	15,4%	-
Falei com um familiar	92,3%	-	-	7,7%
Falei com um(a) colega da Residência Universitária	84,6%	-	7,7%	7,7%
Falei com um(a) profissional	84,6%	-	7,7%	7,7%
Falei com uma organização de vítimas	76,9%	-	15,4%	7,7%
Falei com um(a) assistente social	84,6%	7,7%	-	7,7%
Falei com um(a)	76,9%	7,7%	7,7%	7,7%

<b>Questões</b>	<b>Não</b>	<b>Sim, desde o início do ano lectivo anterior</b>	<b>Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior</b>	<b>Não responde</b>
<b>psicólogo(a) ou com outro terapeuta de saúde mental</b>				
<b>Contactei um organização ou centro de apoio</b>	92,3%	-	-	7,7%
<b>Procurei ajuda on-line</b>	61,5%	23,1%%	7,7%	7,7%
<b>Contactei serviços de apoio ao estudante</b>	84,6%	7,7%	-	7,7%
<b>Procurei cuidados de saúde na Universidade</b>	84,6%	-	7,7%	7,7%
<b>Telefonei para uma linha de apoio</b>	76,9%	-	7,7%	15,4%
<b>Chamei a polícia</b>	84,6%	7,7%	-	7,7%

**Tabela 3:** Percentagens relativamente à procura de ajuda em resultado de atividades sexuais não consentidas

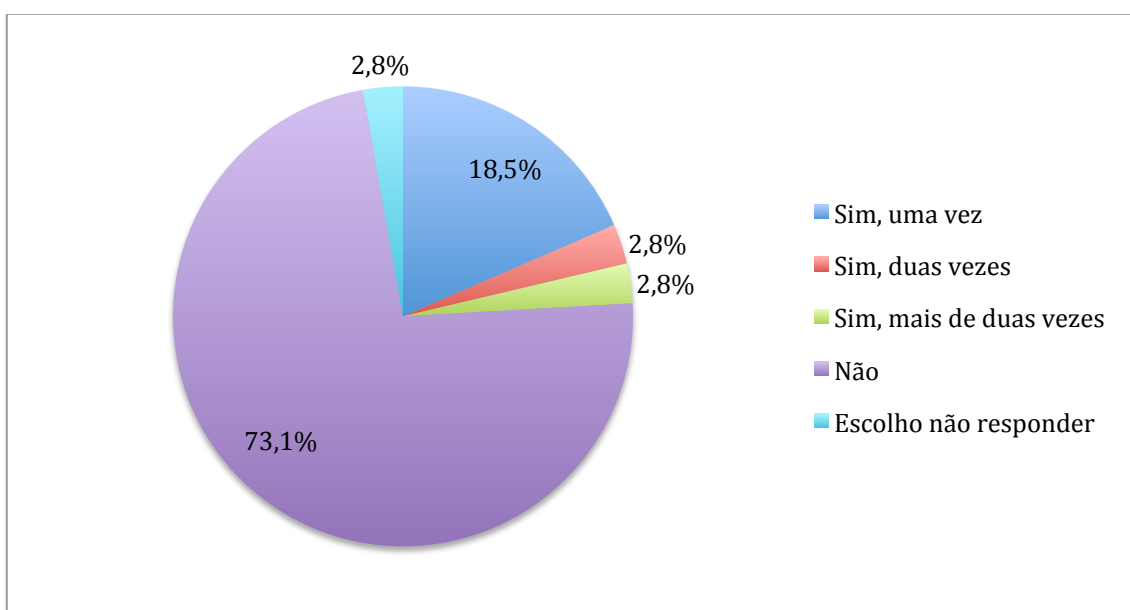
#### **4.6 Prevenção do abuso**

A questão relativa a este tema perguntava aos participantes se enquanto estudante universitário, esteve presente em alguma palestra sobre prevenção da violência no namoro ou violência sexual. Conforme podemos verificar nas Tabelas 13 e 14, tanto na amostra original de 108 estudantes, como na amostra reduzida (relativa apenas aos estudantes que sofreram de violência sexual), a grande maioria dos participantes nunca esteve presente em nenhuma palestra ou conferência que tivesse como enfoque a violência no namoro ou a violência sexual.



**Figura 14:** Percentagem de respostas à pergunta sobre palestras de prevenção da violência sexual na amostra reduzida

Observando a Figura 13, podemos verificar que 61,5% da amostra reduzida, ou seja, da amostra que sofreu de algum tipo de abuso sexual, nunca esteve presente em nenhuma palestra, conferência ou apresentação sobre violência sexual. 15,4% da amostra esteve presente uma vez, e outros 15,4% estiveram presentes mais de duas vezes. Por fim, 7,7% dos participantes revela ter estado presente duas vezes em palestras com este tema.



**Figura 15:** Percentagem de respostas à pergunta sobre palestras de prevenção da violência sexual na amostra total

Relativamente à mesma questão, mas desta vez analisada na amostra total de 108 participantes, podemos verificar pela tabela 14 que mais uma vez a maioria dos participantes (73,1%) nunca esteve presente em qualquer tipo de conferência ou palestra sobre o tema em questão. É ainda possível destacar que 18,5% dos participantes compareceu a uma conferência sobre o tema da violência sexual uma vez, 2,8% compareceu duas vezes e outros 2,8% compareceram mais de duas vezes. Existe ainda uma percentagem de 2,8% que escolheu não responder a esta questão.

#### 4.7 Discussão

O presente estudo teve com objectivo estudar a incidência de violência sexual no campus universitário em Portugal.

Neste sentido, no que respeita à primeira questão de investigação deste estudo (Estudar a incidência da violência sexual no campus universitário em Portugal), podemos verificar que, através da análise dos dados, foi obtida uma incidência de 12% de participantes que tiveram alguma experiência de violência sexual desde o início do ano lectivo anterior, representando uma frequência de 13 participantes em 108 que constituem a amostra.

Mundialmente, a prevalência e a incidência de violência sexual em alunos universitários foram estudadas por alguns investigadores, e na Tabela 3, abaixo indicada, apresentam-se as taxas obtidas pelos estudos anteriormente citados na revisão teórica desta investigação. No entanto, não existe muita literatura sobre este assunto, sendo que prevalecem os estudos relativos aos programas que estão a ser implementados nas universidades no continente americano.

<b>Autores</b>	<b>País</b>	<b>Incidência / Prevalência de Violência Sexual</b>
<b>Zotareli et. al (2012)</b>	Brasil	9,4% (prevalência)
<b>Vázquez et. al (2010)</b>	Espanha	7,1% (incidência)
<b>Fisher, Cullen &amp; Turner (2000) Fisher, Daigle &amp; Cullen (2010) Fisher et. al (2002)</b>	EUA	14% - 17% (prevalência)

<b>Autores</b>	<b>País</b>	<b>Incidência / Prevalência de Violência Sexual</b>
<b>Humphrey &amp; Kahn (2000)</b> <b>Payne &amp; Fogerty (2007)</b> <b>Schubot (2001)</b>		
<b>Umana, Fawole &amp; Adeoye (2014)</b>	Nigéria	6,6% (prevalência)
<b>Phipps &amp; Smith (2011)</b>	Reino Unido	8% (incidência)
<b>Mokgatle &amp; Menoe (2014)</b>	África do Sul	27% (incidência)
<b>Presente Dissertação (2016)</b>	Portugal	12% (incidência)

**Tabela 4:** Comparação dos valores de prevalência e incidência de violência sexual no campus universitário

Como podemos verificar pela Tabela 3, a prevalência de violência sexual no campus universitário nos EUA varia entre 14 e 17% (Fisher, Cullen & Turner, 2000; Fisher, Daigle & Cullen, 2010; Fisher et al, 2002; Humphrey & Kahn, 2000; Payne & Fogerty, 2007; Schubot, 2001), contudo, apenas poderemos tecer comparações com valores de incidência, para uma maior consistência interna da investigação em questão. Desta forma, estudos realizados em Espanha (Vázquez et. al, 2010) revelam que a prevalência de violência sexual durante a vida das estudantes universitárias está em 15,2%, mas relativamente apenas ao último ano os valores de incidência descem para 7,1%, encontrando-se consideravelmente abaixo dos valores encontrados por este estudo em Portugal. Segundo Zotareli et. al (2012), os valores de prevalência num campus universitário brasileiro são de 9,4%, e no Reino Unido a percentagem de incidência tem valores de 8% (Phipps & Smith, 2011), também abaixo dos valores obtidos nesta investigação. Ainda um estudo efetuado num campus universitário Nigeriano coloca a prevalência de violência sexual em 6,6% (Umana, Fawole & Adeoye, 2014), consideravelmente abaixo dos valores dos EUA (14%-17%) e do Brasil (9,4%). Finalmente, um estudo realizado numa província da África do Sul encontrou valores de incidência de coerção sexual na ordem dos 27%, que apesar de serem bastante altos não se limitam apenas à violência sexual em si, mas dizem respeito à coerção sexual de uma forma mais abrangente, portanto não serão comparados com os valores obtidos nesta investigação. Os valores obtidos na presente dissertação encontram-se fora dos parâmetros considerados padrão no que concerne aos dados obtidos internacionalmente, na medida em que apresentam uma incidência mais alta do que em Espanha e no Reino Unido. Infelizmente não existem em

Portugal dados respectivamente a este fenómeno específico para que possa ser feita uma comparação.

No que diz respeito à segunda questão de investigação deste estudo (Averiguar se existem diferenças de género no que diz respeito à violência sexual no campus universitário em Portugal), podemos verificar na Figura 6 que, da amostra que referiu ter sofrido algum tipo de abuso sexual, 92,3% são mulheres, o que vai de encontro ao já referido nesta investigação, de que as mulheres são particularmente mais vulneráveis à violência de género e sexual.

Como já foi descrito anteriormente, na revisão de literatura deste estudo, a relação entre álcool e violência sexual está bem estabelecida, sendo que vários estudos apontam para que o álcool tenha sido um factor a ter em conta em cerca de 70% dos casos de agressão sexual (Phipps & Smith, 2011).

Segundo Krebs, existem estudos sobre violência sexual dirigida a mulheres universitárias que sugerem que entre 63 a 74% dos agressores usam álcool, enquanto que os números de vítimas que consumiram álcool estão entre 20 e 55% (Krebs et al., 2007, cit por Phipps & Smith, 2011). Os resultados obtidos neste estudo vão de acordo com os valores encontrados nos estudos internacionais, demonstrando que, dos 12% da amostra inicial que indicou ter sido alvo de algum tipo de violência sexual, 38,5% teve relações sexuais não consentidas por estar demasiado alcoolizado para as conseguir travar.

No que diz respeito ao agressor e à sua relação com a vítima, segundo a investigação de Vázquez et. al, em 41,5% dos casos de abuso o perpetrador foi o próprio parceiro da vítima, e em 50,9 % dos casos o perpetrador foi qualquer outra pessoa do sexo oposto que não seja o parceiro, não identificando se seria conhecido ou não da vítima. Outro estudo conduzido por Senn (2012) refere que os perpetradores são predominantemente homens (97%) e conhecidos da vítima (82%), e ainda Phipps & Smith (2012) apresentam nos seus resultados que em 84% dos casos de violência sexual o perpetrador era alguém conhecido da vítima.

Analisando os resultados obtidos nesta investigação, podemos observar que é bastante comum o agressor ser o actual parceiro da vítima, ou o parceiro anterior, sendo que na

questão 1 (Desde o início do ano letivo anterior quantas vezes esteve envolvido(a) em atividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?), 50% dos participantes respondeu que foi o(a) seu/sua parceiro(a) anterior, e 37,5% respondeu que foi o(a) seu/sua parceiro(a) actual, o que vai de encontro com os resultados dos estudos referidos. Relativamente à questão 2 (Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob o efeito de drogas e por isso não o(a) conseguiu travar?), quando inquiridos sobre quem seria o agressor, 33,3% dos participantes responderam que teria sido o(a) seu/sua parceiro(a) anterior, 33,3% responderam que teria sido um(a) conhecido(a), 16,7% dos inquiridos responderam que foi um estranho e outros 16,7% responderam que não sabe quem possa ter feito o abuso. Isto perfaz uma percentagem total de 66,6% de agressores que conhecidos da vítima, o que significa que mais de metade dos perpetradores são conhecidos das vítimas. Por fim, analisando a questão 3 (Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes teve uma atividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.?), podemos verificar que quando inquiridos sobre o autor do abuso, 40% responderam que foi o(a) parceiro(a) actual, outros 40% dos participantes responderam que foi o(a) seu/sua parceiro(a) anterior, e 20% responderam que não sabem quem possa ter feito o abuso (Figura 12). Como podemos concluir, muitos dos abusos são cometidos pelos actuais ou anteriores companheiros das vítimas, o que significa que muitas estudantes universitárias portuguesas estiveram em relações amorosas abusivas e algumas delas ainda continuam em relações nas quais já foram abusadas pelo parceiro. Um pouco por todo o mundo continua a ser difundida a ideia de que o agressor é a pessoa sinistra escondida atrás dos arbustos que ataca as suas vítimas, quando está mais do que provado que o agressor é, na grande maioria das vezes conhecido da vítima, podendo ser o seu colega de turma, o seu amigo ou mesmo o seu companheiro.

Seguidamente, e no que diz respeito às queixas efectuadas pelas vítimas, os números de queixas são muito baixos, talvez porque as mulheres não tinham certeza se o que aconteceu foi um crime ou se foi grave o suficiente para fazer queixa (Phipps & Smith, 2011). Ainda 88% das vítimas não denuncia porque não querem admitir que lhes aconteceu, têm vergonha e sentem que ninguém irá acreditar nelas ou que as culparão do sucedido, o que acontece mais frequentemente do que se possa pensar (The Hunting Ground, 2015). Outro factor contribuidor é o facto de os perpetradores serem conhecidos da vítima, o que faz com que seja

mais difícil para a mesma fazer queixa (Orchowski, Meyer & Gidycz, 2009, cit. por Streng & Kamimura, 2015). Outra razão pela qual as vítimas não denunciam é porque não está claro onde podem denunciar um abuso sexual, e a razão principal é o medo: medo que a confidencialidade não seja protegida e medo que não acreditem na sua palavra (Sable, Danis, Mauzy & Gallagher, 2006, cit. por Streng & Kamimura, 2015). Infelizmente é comum este tipo de situações, em que a universidade ou a polícia não acreditam na vítima e culpam-na, devido ao possível envolvimento de drogas ou álcool, à forma como estavam vestidas ou se já conheciam o abusador (Cohn, Zinzow, Resnick & Kilpatrick, 2012, cit. por Streng & Kamimura, 2015). Este estudo vai de encontro com estes resultados, uma vez que a percentagem de participantes que nunca pediu ajuda em resultado de actividades sexuais não consentidas encontra-se sempre de 61,5% para cima, chegando a atingir valores de 92,3% nas opções “Falei com um familiar” e “Contactei um organização ou centro de apoio”, revelando que estas são as opções menos utilizadas pelas vítimas.

Como foi possível verificar no decorrer deste estudo, podemos concluir que a violência sexual entre estudantes universitários tem vindo a tomar proporções assustadoras, e apesar de Portugal ser um país bastante seguro comparado com outros países europeus, este fenómeno também está presente, bastante até, entre os estudantes portugueses. É urgente a difusão deste tema pelas universidades, mas também pelo ensino secundário, de forma a que alertando desde cedo e informando as camadas mais jovens, se possa evitar que esta epidemia se propague ainda mais. É alarmante o número de estudantes que nunca assistiu a uma palestra, conferência ou apresentação sobre violência sexual ou violência no namoro (61,5%, mais especificamente), e seria importante que houvesse informação sobre este tema espalhado por todas as escolas, tanto como medida de prevenção como com estratégias de acção após a ocorrência de um abuso sexual, explicando o que constitui um abuso sexual, a quem e como fazer queixa.

## **5. Conclusão**

Como principal objectivo do presente estudo, procurou-se identificar a taxa de incidência de violência sexual no campus universitário em Portugal, percebendo todas as suas implicações e consequências, de modo a estudar a sua expressão na realidade portuguesa, e até mesmo sensibilizar a comunidade para a sua presença.

A violência sexual no campus universitário existe, e não só em países considerados menos seguros, mas também no nosso próprio país. Fechar os olhos ao problema não vai fazer com que ele desapareça, portanto, é urgente estudar mais aprofundadamente este tema pelo mundo todo e iniciar de imediato medidas legislativas e educativas para que este fenómeno não se propague e para que possa ser reduzido ao máximo. É importante que este assunto comece a ser introduzido bastante cedo na educação das crianças, ensinando-as como lidar com a rejeição por parte do outro, explicando o que é apropriado ou não fazer ao outro e o que constitui ou não um abuso.

Uma vez que a medida mais eficaz na redução da violência sexual tem sido a implementação de programas que ensinam aos alunos como reconhecer situações e como agir em caso de abuso sexual, seria interessante a criação de programas idênticos aos internacionais e a sua posterior aplicação em todas as universidades portuguesas. Podem também ser realizadas campanhas de sensibilização e de apoio à vítima que mostrem que ninguém vai duvidar da sua palavra e que a culpa de um abuso sexual nunca é da vítima e sempre do agressor, para que as vítimas comecem a denunciar estes crimes.

Idealmente a prevenção deveria ser focada no agressor, de forma a evitar que surgissem estas situações de violência sexual, em vez de esta ser focada na vítima e como ela pode evitar estar envolvida numa situação destas, uma vez que as pessoas devem ser livres de viverem sem medo de se vestirem de certa forma ou de caminharem sozinhas à noite.

### Limitações

A primeira limitação presente neste estudo verificou-se ao nível de este tema não ter sido ainda estudado em Portugal. Para além de não conseguir obter literatura sobre este assunto, este facto faz com que a sociedade Portuguesa não esteja sensível para o problema, uma vez que muitas das vezes nem sabem o que constitui um abuso sexual ou se é crime. Outra limitação é o facto de o instrumento ter sido colocado na Internet, o que limitou a amostra às pessoas utilizadoras de Internet. No entanto, como os estudantes universitários são na sua maioria jovens e utilizadores de Internet, julgo que a amostra era representativa. A internet também actuou como um facilitador, uma vez que este tema é um pouco desconfortável para as pessoas, e o facto de o instrumento se encontrar online fez com que possivelmente muitas pessoas respondessem verdadeiramente.

Uma outra limitação do projecto diz respeito à dimensão do questionário original, que afectou a recolha de dados, uma vez que sendo constituído por 120 questões, teve um “*dropout rate*” de 55%, sendo que vários participantes não preencheram a totalidade do questionário e por isso fez com que o questionário tivesse que ser reduzido e reaplicado.

A última limitação será que a taxa de incidência encontrada neste estudo não é representativa da população portuguesa, uma vez que foi obtida através do efeito *snowball*, o que limita a população maioritariamente a residentes de Lisboa, excluindo desta forma todo o resto do país.

#### Estudos Futuros

Relativamente a estudos futuros, e dada a necessidade imperativa de travar a difusão deste fenómeno, recomenda-se a investigação no âmbito da implementação de programas de prevenção, tanto no ensino secundário como no ensino superior. Sugere-se ainda estudos comparativos da incidência de violência sexual entre os estudantes universitários que vivem com os pais, e estudantes universitários que vivem em Campus universitários, como em Coimbra, por exemplo.

Apesar das limitações deste estudo, os resultados obtidos nesta investigação vão de encontro à existente literatura sobre o assunto em questão, e pode ser útil para promover discussões acerca deste problema e para sugerir áreas nas quais as universidades poderão no futuro intervir de forma a prevenir ou minimizar a violência sexual.

## 6. Referências Bibliográficas

- Baker, K., Boland, K., Assessing Campus Safety: A Campus-Wide Initiative, *College Student Journal*, Cedar Crest College
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141-163.
- Cocker, A. L., Cook-Craig, P. G., Williams, C. M., Fisher, B. S., Clear, E. R., Garcia, L. S., Hegge, L. M. (2011) Evaluation of Green Dot: An Active Bystander Intervention to Reduce Sexual Violence on College Campuses, *Violence Against Women*, 17(6) 777-796, Sage Publications.
- Cocker, A. L., Fisher, B. S., Bush, H. M., Swan, S. C., Williamns, C. M., Clear, E. R., DeGue, S., (2014) Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses, *Violence Against Women*, 1-21, Sage Publications.
- Cocker, A. L., Bush, H. M., Fisher, B. S., Swan, S. C., Williams, C. M., Clear, E. R., DeGue, S. (2016) Multi-College Bystander Intervention Evaluation for Violence Prevention, *American Journal of Preventive Medicine*, 50(3):295-302
- Danis, F. S. (2006) In Search of Safe Campus Communities, *Journal of Community Practice*, 14:3, 29-46.
- DeMatteo, D., Galloway, M., Arnold, S., Patel, U. (2015) Sexual Assault on College Campuses: A 50-State Survey of Criminal Sexual Assault Statues and Their Relevance to Campus Sexual Assault, *Psychology, Public Policy, and Law*, Vol. 21, No. 3, pp. 227-238
- Dick, K. (2015) The Hunting Ground (Documentário)

- Dobbs, R. R., Waid, C. A., Shelley, T. O. (2009) Explaining Fear of Crime as Fear of Rape Among College Females: An Examination of Multiple Campuses in the United States, *International Journal of Social Inquiry*, Vol. 2, No. 2, pp. 105-122
- Georgia Law Review, A Feather on One Side, A Brick on The Other: Tilting The Scale Against Males Accused of Sexual Assault in Campus Disciplinary Proceedings, 592-621
- Howard, D. E., Griffin, M. A., Boekeloo, B. O., (2008) Prevalence and Psychological Correlates of Alcohol-Related Sexual Assault Among University Students, *Adolescence*, Vol. 43, No. 172, 734-750
- Jouriles, E. N., McDonald, R., Rosenfield, D., Levy, N., Sargent, K., Caiozzo, C., Grych, J. H. (2015) TakeCARE, a Video Bystander Program to Help Prevent Sexual Violence on College Campuses: Results of Two Randomized, Controlled Trials, *Psychology of Violence*, Advance online publication. [Http://dx.doi.org/10.1037/vio0000016](http://dx.doi.org/10.1037/vio0000016)
- Kleinsasser, A., Jouriles, E. N., McDonald, R., Rosenfield, D. (2014) An Online Bystander Intervention Program of Sexual Violence, *Psychology of Violence*, Vol. 5, No. 3, 227-235
- Lehrer, J. A., Lehrer E. L. & Koss, M. (2013) Sexual and Dating Violence Among Adolescents and Young Adults in Chile: a review of findings from a survey of university students, *Culture, Health & Sexuality*, Vol. 15, No. 1, 1-14
- Marôco, J. & Bispo, R. (2005) Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Climepsi Edições.
- Marôco, J. (2010) Análise de equações estruturais-fundamentos teóricos, software & aplicação. Pêro Pinheiro: Report Number.
- McMahon, P. P., (2008) Sexual Violence on the College Campus: A Template for Compliance With Federal Policy, *Journal of American Health*, Vol. 57, No. 3, 361-365

- Mokgatle, M.M. & Menoe, B. (2014) Prevalence of sexual coercion among students in an institution of higher learning in Gauteng Province, South Africa. *African Journal for Physical, Health Education, Recreation and Dance*, September (Supplement 1), 301-312.
- Napolitano, J. (2015) "Only Yes Means Yes": An Essay on University Policies Regarding Sexual Violence and Sexual Assault, *Yale Law & Policy Review*, pp. 387- 402
- Parks, K. A., Hsieh, Y., Taggart, C, Bradizza, C. M. (2014) A Longitudinal Analysis of Drinking and Victimization in College Women: Is There a Reciprocal Relationship?, *Psychology of Addictive Behaviors*, Vol. 28, No. 4, 943-951
- Phipps, A., Smith, G. (2012) Violence Against women Students in the UK: Time To Take Action, *Gender and Education*, Vol. 24, No. 4, 357-373
- Potter, S. J., Moynihan, M., M., Stapleton, J. G., Banyard, V. L., (2009) Empowering Bystanders to Prevent Campus Violence Against Women: A Preliminary Evaluation of a Poster Campaign, *Violence Against Women*, Vol. 15 n°1, 106-121.
- Reed, K. M. P., Hines, D. A., Armstrong, J. L., Cameron, A. Y. (2014) Experimental Evaluation of a Bystander Prevention Program for Sexual Assault and Dating Violence, *Psychology of Violence*, Vol. 5, No. 1, 95-102
- Senn, C. Y. (2012) Education on Resistance to Acquaintance Sexual Assault: Preliminary Promise of a New Program for Young Women in High School and University, *Canadian Journal of Behavioural Science*, Vol. 45, No. 1, 24-33
- Siffin, K., Phillips, L., Weldon, C, Feld, A. (2013) Campus Rediness for Sexual Assault Prevention: An Assessment of Lebalon Valley College
- Streng, T. K., Kamimura, A. (2015) Sexual Assault Prevention and Reporting on College Campuses in the US: A Review of Policies and Recommendations, *Journal of Education and Practice*, ISSN 2222-1735, Vol. 6, No. 3

- Swan, S. C., Lasky, N. V., Fisher, B. S., Woodbrown, V. D., Bonsu, J. E., Schramm, A. T., Warren, P. R., Coker, A. L., Williams, C. M. (2016) Just a Dare or Unaware? Outcomes and Motives of Drugging (“Drink Spiking”) Among Students at Three College Campuses, *Psychology of Violence*, Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000060>
- Umana, J. E., Fawole, O. I., Adeoye, I. A. (2014) Prevalence and Correlates of Intimate Partner Violence Towards Female Students of the University of Ibadan, Nigeria, *BMC Women’s Health*, 14:131
- U.S. Department of Justice (2004) *Grants to Reduce Violent Crimes Against Women on Campus*. Washington DC
- Vázquez, F., Torres, A., Otero, P., Blanco, V., López, M. (2010) Prevalencia y Factores de Riesgo de la Violencia Contra la Mujer en Estudiantes Universitarias Españolas, *Psicothema*, Vol. 22, nº2, pp. 196-201.
- Veidlinger, R. L. (2016) Title IX: Role of Sexual Assault Nurse Examiners in Campus Sexual Assault Proceedings, *The Journal for Nurse Practitioners*, Vol. 12, Issue 2, pp. 113 – 119
- Walley-Jean, J. C., Swan, S. (2014) *Motivations and Justifications for Partner Agression in a Sample of African American College Women*.
- Yung, C. R. (2015) Concealing Campus Sexual Assault: An Empirical Examination, *Psychology, Public Policy and Law*, Vol. 21, No. 1, 1-9
- Zotareli, V., Faúndes, A., Osis, M. J. Duarte, Duarte, G., Sousa, M. H. (2012) Gender and Sexual Violence Among Students at a Brazilian University, *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, 12 (1): 37-46.

## Anexos

**Anexo A:** Questionário sobre a incidência de violência sexual no campus universitário  
(Tradução - VP)

Questionário sobre a Incidência da Violência Interpessoal nos Estudantes do Ensino Superior  
Q\_VI\_VP1 (Gama, Vargas-Moniz & Ornelas, 2015)  
(Versão Portuguesa do *Campus Violence Survey Swan, 2011*)

Este estudo é sobre a prevenção da violência interpessoal em estudantes universitários. Estamos interessados em saber como reduzir a violência entre pares nas universidades portuguesas. Se alguma questão o deixar incomodado por alguma razão, pode sempre optar por não responder. Este questionário é totalmente anónimo e demora aproximadamente 20 minutos a responder. Obrigada pela sua participação!

1. Quer responder ao questionário?

Sim  Não

2. Que idade tem?

17 anos ou menos  18 anos  19 anos  20 anos  21 anos  22 anos  23 anos  24anos  25 anos ou mais

3. Que ano frequenta?

1º Ano  2º Ano  3º Ano  4º Ano  5º Ano

4. Qual o seu sexo?

Feminino  Masculino

5. Qual a sua nacionalidade? \_\_\_\_\_

6. Qual o grau educacional mais elevado que alcançou a sua mãe ou o seu pai? (Escolha o que for mais elevado)

Ensino básico  Ensino Secundário  Ensino Profissional  Licenciatura  Mestrado  
 Doutoramento

7. As pessoas são diferentes no tipo de atracção sexual em relação aos(às) outros(as). Qual a situação que melhor o(a) descreve?

Somente atraído(a) por mulheres  A maior parte das vezes atraído(a) por mulheres

Igualmente atraído(a) por mulheres e homens  A maior parte das vezes atraído(a) por homens

Somente/unicamente atraído(a) por homens  Não tenho a certeza

8. Quais destas situações melhor descreve a sua situação neste momento quanto a relacionamentos?

*Por relacionamentos entendemos alguma situação que varie entre encontros casuais a uma relação comprometida, incluindo as seguintes situações:*

Engatar alguém

Fazer algo sexual com alguém

Ter uma relação aberta na qual também se encontra com outras pessoas

- Sair com outra pessoa
  - Estar numa relação comprometida com um namorado ou namorada
  - Viver com um namorado ou namorada
  - Encontro casual sem uma relação comprometida
  - Fazer algo de sexual com alguém sem ter uma relação comprometida
  - Não estou a sair com ninguém actualmente, mas saí desde o início do semestre lectivo
9. Já esteve grávida ou engravidou alguém?
- Sim                       Não                       Não Sei

*As próximas questões são sobre coisas que poderão ter acontecido consigo.*

*Desde o início do ano lectivo anterior até à presente data, quantas vezes recebeu pela sua segurança devido a situações que lhe tenham acontecido.*

10. Apareceu-lhe alguém onde vive, trabalha ou estuda quando não o queria ?

- Nenhuma vez    1 vez    2 vezes    3 a 5 vezes    6 a 9 vezes    10 vezes ou mais
- Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior    Escolho não responder

11. Quem fez isto?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> O meu/minha parceiro(a) actual | <input type="checkbox"/> O meu/minha parceiro(a) anterior |
| <input type="checkbox"/> Um(a) Amigo(a)                 | <input type="checkbox"/> Um(a) Conhecido(a)               |
| <input type="checkbox"/> Um(a) Estranho(a)              | <input type="checkbox"/> Não sei quem o possa ter feito   |

12. Recebeu contactos indesejados (telefonemas, prendas, emails, sms ou comentários em redes sociais como por exemplo Facebook, Instagram ou Twitter)?

- Nenhuma vez    1 vez    2 vezes    3 a 5 vezes    6 a 9 vezes    10 vezes ou mais
- Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior    Escolho não responder

13. Quem fez isto?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> O meu/minha parceiro(a) actual | <input type="checkbox"/> O meu/minha parceiro(a) anterior |
| <input type="checkbox"/> Um(a) Amigo(a)                 | <input type="checkbox"/> Um(a) Conhecido(a)               |
| <input type="checkbox"/> Um(a) Estranho(a)              | <input type="checkbox"/> Não sei quem o possa ter feito   |

14. Alguém publicou *on-line* comentários maldosos, insultuosos ou humilhantes sobre si (por exemplo em página de *facebook* ou blog ou em emails, mensagens de texto ou de voz)?

- Nenhuma vez    1 vez    2 vezes    3 a 5 vezes    6 a 9 vezes    10 vezes ou mais
- Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior    Escolho não responder

15. Quem fez isto?

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> O meu/minha parceiro(a) actual | <input type="checkbox"/> O meu/minha parceiro(a) anterior |
| <input type="checkbox"/> Um(a) Amigo(a)                 | <input type="checkbox"/> Um(a) Conhecido(a)               |
| <input type="checkbox"/> Um(a) Estranho(a)              | <input type="checkbox"/> Não sei quem o possa ter feito   |

*Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes alguém:*

16. Fez gestos, comentários rudes ou utilizou linguagem corporal de teor sexual para o(a) aborrecer ou envergonhar?

- Nenhuma vez    1 vez    2 vezes    3 a 5 vezes    6 a 9 vezes    10 vezes ou mais
- Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior    Escolho não responder

17. Convidou constantemente para sair, ou para se encontrarem apesar de já ter dito que não?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

*Desde o início do ano lectivo anterior:*

18. Quantas vezes soube ou suspeitou que alguém tenha colocado droga(s) na bebida sem ter conhecimento?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

19. Onde é que isso aconteceu?

Num Bar  Numa Discoteca  
 Numa Residência Universitária  Numa casa  
 Noutro local (por favor especifique) \_\_\_\_\_

20. O que aconteceu quando suspeitou ou percebeu que estava drogado(a)?

Ficou fisicamente doente  
 Foi alvo de toques sexuais não consentidos  
 Ficou fisicamente ferido(a) (bateram, esbofetearam, espancaram)?  
 Foi forçado(a) ter relações sexuais  
 Outra situação, especifique, por favor \_\_\_\_\_

*Este conjunto de questões está relacionado com actividade sexual indesejada que possa ter experienciado. Por actividade sexual indesejada entendemos tocar nas partes privadas do corpo, fazer sexo oral ou anal ou genital não desejado. Desde o início do ano lectivo anterior, quantas vezes esteve:*

21. Envolvido(a) em actividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

22. Quem fez isso?

O meu/minha parceiro(a) actual  O meu/minha parceiro(a) anterior  
 Um(a) Amigo(a)  Um(a) Conhecido(a)  
 Um(a) Estranho(a)  Não sei quem o possa ter feito

*Desde o início do ano lectivo anterior:*

23. Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob efeito de drogas e por isso não o(a) travar?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

24. Quem fez isso?

O meu/minha parceiro(a) actual  O meu/minha parceiro(a) anterior  
 Um(a) Amigo(a)  Um(a) Conhecido(a)  
 Um(a) Estranho(a)  Não sei quem o possa ter feito

*Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes:*

25. Teve uma actividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

26. Quem fez isso?

- O meu/minha parceiro(a) actual  O meu/minha parceiro(a) anterior  
 Um(a) Amigo(a)  Um(a) Conhecido(a)  
 Um(a) Estranho(a)  Não sei quem o possa ter feito

27. Sofreu ferimentos em resultado de actividades sexuais não consentidas?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

28. Falou com algum amigo(a), familiar, profissional, telefonou para alguma linha de apoio, procurou ajuda médica ou chamou a polícia em resultado de actividades sexuais não consentidas?

	Não	Sim, desde o início do ano lectivo anterior	Sim, mas não deste o início ano lectivo anterior
Falei com um amigo(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com colega da Residência Universitária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com um profissional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com uma organização de vítimas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com assistente social	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com um psicólogo ou outro terapeuta de saúde mental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactei organização ou centro de apoio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei ajuda on-line	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactei serviços de apoio ao Estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei cuidados de saúde na Universidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Telefonei para linha de apoio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chamei a polícia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

29. Alguma vez faltou à escola/emprego em consequência de ter tido relações sexuais não-consentidas.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

30. As notas/classificação pioraram em resultado ou consequência de relações sexuais não-consentidas?

- Sim  Não

*Desde o início do ano letivo anterior fez algo do que se segue a alguém em quem possa estar ou ter estado interessado(a) romanticamente:*

31. Apareceu ou surgiu no local onde vive a outra pessoa, no trabalho ou escola quando esta não queria que aparecesse?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

32. Enviou prendas, emails, mensagens de texto, sms's , telefonemas não desejados, comentários ou fotos numa rede social como o por exemplo o Facebook, Instagram ou Twitter?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

33. Escreveu ou enviou comentários insultuosos, maldosos ou humilhantes acerca de alguém on-line ou através de emails, mensagens de texto, sms's ou voicemails?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

*Desde o início do ano lectivo anterior, quantas vezes aconteceram este tipo de situações com um companheiro atual ou anterior? Por companheiro(a), entende-se atual namorado(a) ou companhia de saídas ou alguma pessoa com quem já tenha estado envolvida(o) a nível romântico e/ou sexual).*

34. O meu companheiro(a) gritou, berrou, insultou-me ou praguejou contra mim.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

35. O meu companheiro(a) publicou insultos ou comentários maldosos ou humilhantes acerca de mim quer on-line através do Facebook ou blog's ou através de email's , textos ou sms's instantâneas ou voicemail.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

36. O meu companheiro(a) ameaçou bater-me, atirou-me algo ou, de algum modo magoa-me fisicamente.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

37. O meu companheiro(a) destruiu algo que me pertencia de propósito.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

38. O meu companheiro(a) tentou controlar-me constantemente, dizendo-me de quem posso ser amiga(o), o que posso fazer e quando o posso fazer.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

39. O meu companheiro(a) empurrou-me.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

40. O meu companheiro(a) atirou-me algo que me podia ter magoado.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

41. O meu companheiro(a) deu-me um murro ou bateu-me.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

42. O meu companheiro(a) utilizou uma faca, arma ou outro objeto com que me podia ter magoado.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

43. O meu companheiro(a) danificou ou desfez-se do meu método de contraceção e conseguiu impedir-me de o utilizar.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

*Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes:*

44. O(a) meu companheiro(a) recusou-se a usar preservativo ou outro tipo de protecção apesar de lhe ter pedido?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

45. O meu companheiro(a) disse-me: “- Tu só queres usar métodos anticoncepcionais para poderes dormir com qualquer um(a).” ou qualquer coisa do género.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

46. O meu companheiro(a) disse-me: “Se tivermos um bebé tu nunca terás que te preocupar com o facto de eu te deixar. Estarei sempre contigo.”, ou alguma coisa idêntica.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

47. O meu companheiro(a) forçou-me a ter sexo sem usar nenhum método anticoncepcional, preservativo ou outra protecção.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

*Desde o início do ano lectivo anterior fez algo do que a seguir se apresenta a algum companheiro(a) atual ou passado (incluindo namorada(o), parceiro de saídas ou alguém com quem tenhas estado romantica ou sexualmente envolvida(o).*

48. Eu gritei, insultei ou disse palavrões a companheir(o).

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

49. Eu ameacei bater, atirei algo ou de outra forma magoei fisicamente o meu parceiro/a.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

50. Eu destruí alguma coisa que pertencia ao meu parceiro/a de propósito.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
51. Tentei controlar o meu parceiro/a constantemente dizendo-lhe de quem poderia ser amigo/a ou dizendo-lhe o que ele/a poderia fazer e quando.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
52. Atirei algo ao meu parceiro/a que poderia tê-lo/a magoado.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
53. Empurrei ou abanei o meu parceiro/a.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
54. Esmurrei ou bati no meu parceiro/a.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
55. Utilizei uma faca, uma arma ou algo que poderia ter magoado/a o meu/minha parceira/o.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
56. Fez gestos, comentários rudes ou usou linguagem corporal sexual para envergonhar ou chatear alguém.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
57. Continuou a insistir com alguém para ter um encontro mesmo sabendo que ele/a disse que não.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
58. Teve relações sexuais com alguém que não queria, porque ameaçou terminar a relação ou exerceu pressão com argumentos ou súplicas?  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
59. Teve relações sexuais indesejadas com pessoas que não queriam por estarem sob o efeito de drogas ou álcool.  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder
60. Teve relações sexuais com pessoas que não queriam porque as ameaçou de usar ou usou força física (torcendo-lhes os braços, atirando para o chão, etc)?  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

61. Alguma vez colocou ou conhece alguém que tenha colocado drogas na bebida de outra pessoa de propósito?  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

62. Que droga ou drogas foram usadas?  
 Sedativos  Cocaína  Ecstasy  GHB (Rape Drug)  Metanfetaminas

63. Onde é que aconteceu?  
 Bar  Republica/Fraternidade/Irmandade  Dormitório  Casa/Apartamento  
 Outro (Especifique) \_\_\_\_\_

64. Você ou alguém que conheça já se envolveu em alguma actividade sexual com essa pessoa?  
 Sim  Não

*A próxima secção é sobre palestras ou aulas sobre violência no namoro ou violência sexual.*

65. Quando frequentava o ensino básico ou secundário, esteve presente em alguma palestra sobre prevenção da violência no namoro ou violência sexual?  
 Sim  Não

66. Enquanto estudante universitário, esteve presente em alguma apresentação sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual?  
 Sim, uma vez  Sim, duas vezes  Sim, mais de duas vezes  Não  Escolho não responder

67. Quando esteve presente na apresentação sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual? Se esteve mais do que uma vez, qual foi a mais recente?  
 Antes de 2011  Primavera de 2011  Verão de 2011  Outono de 2011  Primavera de 2012  Verão de 2012  Outono de 2012  Primavera de 2013  Verão de 2013  Outono de 2013  Primavera de 2014  Verão de 2014  Outono de 2014  Primavera de 2015  Nunca estive presente em nenhuma apresentação  
*Desde o início do ano lectivo anterior, quantas vezes:*

68. Um amigo ou conhecido falou consigo sobre a importância da redução da violência sexual ou da violência no namoro?  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

69. O seu grupo de amigos falou sobre actividades ou coisas que podem fazer que poderiam ajudar a prevenir a violência sexual no namoro na sua universidade ou na comunidade onde vive?  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

70. Você e os seus amigos escreveram num blog, enviaram e-mails uns aos outros ou utilizaram outro tipo de tecnologia para discutir actividades ou coisas que poderiam fazer para prevenir a violência sexual ou no namoro?  
 Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

71. Falou com os seus amigos sobre o que podem fazer para se manter a si e a outros seguro de violência sexual ou no namoro?

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

*De seguida está uma lista de coisas que as pessoas podem fazer para ajudar em situações de violência sexual ou no namoro ou quando alguém bebe álcool. Desde o início do ano lectivo anterior, quantas vezes fez o seguinte:*

72. Expressou preocupação a um amigo cujo parceiro estava a agir de uma forma muito ciumenta e a tentar controlá-lo.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Nenhum amigo tinha um parceiro ciumento

73. Confrontou alguém quando ouviu alguém dizer que uma pessoa merecia ser violada ou agredida pelo seu parceiro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Não ouviu ninguém dizer isto

74. Falou com um amigo que foi violado ou agredido pelo seu parceiro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Não aconteceu a nenhum amigo seu

75. Perguntou a alguém que parecia perturbado se estava tudo bem ou se precisava de ajuda.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Não viu ninguém perturbado

76. Perguntou a um amigo se precisava que o acompanhasse a casa para mantê-lo seguro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Não surgiu oportunidade

77. Confrontou alguém que se estava a gabar ou a inventar desculpas para forçar alguém a ter relações sexuais.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Não ouviu ninguém a dizer isto

78. Encontrou ajuda para um amigo porque ele tinha sido forçado a ter relações sexuais ou foi agredido pelo parceiro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Não aconteceu a nenhum amigo seu

79. Discutiu os perigos possíveis de beber demasiado com os amigos.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

80. Disse a alguém que estava preocupado com o seu consumo de álcool.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Nunca ficou preocupado com o consumo de álcool de nenhum amigo

81. Disse a alguém que ficar embriagado põe-no em risco de ser vítima de violência.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

82. Expressou a sua preocupação quando alguém estava a falar sobre o seu estado de embriaguez.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Não ouviu ninguém dizer isto

83. Certificou-se de que alguém que tinha bebido demais chegava bem a casa.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Nunca viu ninguém que tivesse bebido demais

84. Que coisas fez para prevenir a violência sexual e no namoro, fora as referidas acima?
85. Que coisas para prevenir a violência sexual e no namoro tiveram mais sucesso e porquê?
86. Que coisas para prevenir a violência sexual e no namoro tiveram menos sucesso e porquê?

*Desde o início do ano lectivo anterior, quantas vezes viu ou ouviu alguém na sua universidade fazer o seguinte:*

87. Expressar preocupação a um amigo cujo parceiro estava a agir de uma forma muito ciumenta e a tentar controlá-lo.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

88. Confrontar alguém quando ouvi alguém dizer que uma pessoa merecia ser violada ou agredida pelo seu parceiro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

89. Falar com um amigo que foi violado ou agredido pelo seu parceiro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

90. Perguntar a alguém que parecia perturbado se estava tudo bem ou se precisava de ajuda.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

91. Perguntar a um amigo se precisava que o acompanhasse a casa para mantê-lo seguro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

92. Confrontar alguém que se estava a gabar ou a inventar desculpas para forçar alguém a ter relações sexuais.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

93. Encontrar ajuda para um amigo porque ele tinha sido forçado a ter relações sexuais ou foi agredido pelo parceiro.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

94. Discutir os perigos possíveis de beber demasiado com os amigos.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

95. Dizer a alguém que estava preocupado com o seu consumo de álcool.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

96. Dizer a alguém que ficar embriagado põe-no em risco de ser vítima de violência.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

97. Expressar preocupação quando alguém estava a falar sobre o seu estado de embriaguez.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

98. Certificar-se de que alguém que tinha bebido demais chegava bem a casa.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais

Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior

*Esta secção pergunta a sua opinião sobre violência sexual e violência no namoro. Pensando sobre os seus sentimentos e crenças, por favor indique o quanto pessoalmente concorda ou discorda com cada frase. Não existem respostas correctas ou incorrectas.*

	<b>Discor do totalme nte</b>	<b>Disco rdo</b>	<b>Concor do</b>	<b>Concor do totalme nte</b>
99. Eu tenho habilidade para ajudar a prevenir violência no namoro e violência sexual no meu campus universitário.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
100. Acredito que os meus colegas irão ouvir-me se eu falar contra a violência no namoro e violência sexual.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
101. Acredito que a violência no namoro e a violência sexual no meu campus pode ser impedida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
102. Acho que os meus esforços pessoais podem fazer a diferença na redução da violência no namoro e na violência sexual.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
103. Fui pessoalmente afectado por violência no namoro ou por violência sexual, porque aconteceu comigo ou com alguém que conheço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
104. Acusações de violação são frequentemente utilizadas como forma vingança contra os homens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
105. Normalmente só as mulheres que se vestem sugestivamente são violadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
106. As mulheres tendem a exagerar o quanto a violação as afecta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
107. Muitas mulheres provocam os homens e depois alegam que foram violadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
108. Mulheres que provocam homens merecem que lhes aconteça tudo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
109. Quando as mulheres são violadas, muitas vezes é porque não disseram “não” de forma clara.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
110. Uma mulher que se vista com roupas provocadoras não deveria surpreender-se se um homem tentar forçar uma relação sexual.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

*As seguintes questões são sobre a forma como poderá ter-se sentido em relação a algumas coisas.*

111. Já se sentiu tão triste ou sem esperança quase todos os dias durante duas semanas seguidas que deixou de fazer as suas actividades habituais?

Não  Sim, desde o início do ano letivo anterior  Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior

*Já alguma vez na sua vida experienciou algo que foi tão assustador, horrível ou perturbador que:*

112. Teve pesadelos sobre isso ou pensou sobre isso mesmo quando não queria?

Não  Sim, desde o início do ano letivo anterior  Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior

113. Tentou não pensar sobre isso ou evitou situações que o lembravam disso?

Não  Sim, desde o início do ano letivo anterior  Sim, mas não desde o início do ano letivo anterior

*As seguintes questões são sobre o consumo de álcool (inclui cerveja, vinho, licores como rum, vodka, bourbon e whiskey). O consumo de álcool não inclui beber alguns golos de vinho por razões religiosas.*

114. No mês passado, em quantos dias bebeu 5 ou mais bebidas alcoólicas de seguida (durante algumas horas)?

Nunca bebo  0 dias  1-2 dias  3-9 dias  10-19 dias  20-31 dias  Escolho não responder

*Durante o mês passado:*

115. Tem sido incapaz de se lembrar de coisas que aconteceram enquanto estava a beber álcool? (coisas que se lembraria normalmente)

Não, nunca  Sim, no mês passado  Não no mês passado, mas no ano passado

116. Fez coisas enquanto bebia álcool que normalmente não faria e que se arrepende de ter feito?

Não, nunca  Sim, no mês passado  Não no mês passado, mas no ano passado

*A questão seguinte é sobre o uso de drogas, tanto ilegais como prescritas.*

117. No mês passado usou algum tipo de drogas excepto as necessárias por razões médicas?

Não, nunca  Sim, no mês passado  Não no mês passado, mas no ano passado

*As últimas questões são sobre si e onde vive.*

118. É estudante a full-time ou em part-time?

Full-time  Part-time  Outro, por favor especifique \_\_\_\_\_

119. Faz parte de uma equipa desportiva?

Sim  Não

120. Com quem vive?

Sozinho  Com os meus pais ou outros familiares adultos  Com companheiro(s) (excepto parceiro amoroso)  Com o meu marido/mulher, namorado/namorada ou outro parceiro amoroso

O questionário chegou ao fim! Muito obrigada pela sua participação!

**Anexo B:** Questionário sobre a incidência de violência sexual no campus universitário reduzido

A Violência Sexual no Campus Universitário em Portugal

O meu nome é Joana Gama, sou estudante de Psicologia no ISPA - Instituto Universitário, onde frequento o 5º ano de Mestrado em Psicologia Clínica. O tema da minha tese é "A Violência Sexual no Campus Universitário em Portugal". Esta tese tem como objectivo determinar, especificar e caracterizar a violência sexual nos estudantes universitários portugueses, uma vez que não existe investigação em Portugal com este objectivo específico. Gostaria de pedir a sua disponibilidade para a realização deste inquérito que irá servir como base para o meu estudo. Se alguma questão o deixar incomodado por alguma razão, pode sempre optar por não responder. Este questionário demora aproximadamente 5 minutos a responder. O inquérito é confidencial, anónimo e o seu preenchimento é voluntário. Qualquer dúvida ou esclarecimento acerca da investigação estou disponível através do e-mail: joanagama8@gmail.com

Obrigada pela sua participação!

Joana Gama

1. Quer responder ao questionário?

Sim  Não

2. Que idade tem?

17 anos  18 anos  19 anos  20 anos  21 anos  22 anos  23 anos  24anos  25 anos ou mais

3. Que ano frequenta?

1º Ano  2º Ano  3º Ano  4º Ano  5º Ano

4. Qual o seu sexo?

Feminino  Masculino

5. Qual a sua nacionalidade? \_\_\_\_\_

6. As pessoas são diferentes no tipo de atracção sexual em relação aos(às) outros(as). Qual a situação que melhor o(a) descreve?

Somente atraído(a) por mulheres  A maior parte das vezes atraído(a) por mulheres

Igualmente atraído(a) por mulheres e homens  A maior parte das vezes atraído(a) por homens

Somente/unicamente atraído(a) por homens  Não tenho a certeza

7. Quais destas situações melhor descreve a sua situação neste momento quanto a relacionamentos?

*Por relacionamentos entendemos alguma situação que varie entre encontros casuais a uma relação comprometida, incluindo as seguintes situações:*

Engatar alguém

- Fazer algo sexual com alguém
- Ter uma relação aberta na qual também se encontra com outras pessoas
- Sair com outra pessoa
- Estar numa relação comprometida com um namorado ou namorada
- Viver com um namorado ou namorada
- Encontro casual sem uma relação comprometida
- Fazer algo de sexual com alguém sem ter uma relação comprometida
- Não estou a sair com ninguém actualmente, mas saí desde o início do semestre lectivo

8. Já esteve grávida ou engravidou alguém?

- Sim  Não  Não Sei

*Desde o início do ano lectivo anterior:*

9. Quantas vezes soube ou suspeitou que alguém tenha colocado droga(s) na bebida sem ter conhecimento?

- Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais  Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

10. Onde é que isso aconteceu?

- Num Bar  Numa Discoteca  
 Numa Residência Universitária  Numa casa  
 Noutro local (por favor especifique) \_\_\_\_\_

11. O que aconteceu quando suspeitou ou percebeu que estava drogado(a)?

- Ficou fisicamente doente  
 Foi alvo de toques sexuais não consentidos  
 Ficou fisicamente ferido(a) (bateram, esbofetearam, espancaram)?  
 Foi forçado(a) ter relações sexuais  
 Outra situação, especifique, por favor \_\_\_\_\_

*Este conjunto de questões está relacionado com actividade sexual indesejada que possa ter experienciado. Por actividade sexual indesejada entendemos tocar nas partes privadas do corpo, fazer sexo oral ou anal ou genital não desejado. Desde o início do ano lectivo anterior, quantas vezes esteve:*

12. Envolvido(a) em actividades sexuais não consentidas com alguém, porque o(a) ameaçaram de acabar com a relação se não o fizesse ou foi pressionado(a) pelos argumentos ou pedidos persistentes da outra pessoa?

- Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais  Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

13. Quem fez isso?

- O meu/minha parceiro(a) actual  O meu/minha parceiro(a) anterior  
 Um(a) Amigo(a)  Um(a) Conhecido(a)  
 Um(a) Estranho(a)  Não sei quem o possa ter feito

*Desde o início do ano lectivo anterior:*

14. Teve relações sexuais não consentidas com alguém por estar demasiado alcoolizado(a) ou sob efeito de drogas e por isso não o(a) travar?

- Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais  Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

15. Quem fez isso?

- O meu/minha parceiro(a) actual     O meu/minha parceiro(a) anterior  
 Um(a) Amigo(a)     Um(a) Conhecido(a)  
 Um(a) Estranho(a)     Não sei quem o possa ter feito

*Desde o início do ano lectivo anterior quantas vezes:*

16. Teve uma actividade sexual não desejada, porque a outra pessoa usou força física (torceu um braço, empurrou contra o chão, etc.)?

- Nenhuma vez    1 vez    2 vezes    3 a 5 vezes    6 a 9 vezes    10 vezes ou mais     
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior    Escolho não responder

17. Quem fez isso?

- O meu/minha parceiro(a) actual     O meu/minha parceiro(a) anterior  
 Um(a) Amigo(a)     Um(a) Conhecido(a)  
 Um(a) Estranho(a)     Não sei quem o possa ter feito

18. Sofreu ferimentos em resultado de actividades sexuais não consentidas?

- Nenhuma vez    1 vez    2 vezes    3 a 5 vezes    6 a 9 vezes    10 vezes ou mais     
 Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior    Escolho não responder

19. Falou com algum amigo(a), familiar, profissional, telefonou para alguma linha de apoio, procurou ajuda médica ou chamou a polícia em resultado de actividades sexuais não consentidas?

	Não	Sim, desde o início do ano lectivo anterior	Sim, mas não deste o início ano lectivo anterior
Falei com um amigo(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com colega da Residência Universitária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com um profissional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com uma organização de vítimas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com assistente social	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falei com um psicólogo ou outro terapeuta de saúde mental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactei organização ou centro de apoio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei ajuda on-line	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactei serviços de apoio ao Estudante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei cuidados de saúde na Universidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Telefonei para linha de apoio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chamei a polícia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

20. Alguma vez faltou à escola/emprego em consequência de ter tido relações sexuais não-consentidas.

Nenhuma vez  1 vez  2 vezes  3 a 5 vezes  6 a 9 vezes  10 vezes ou mais   
Sim, mas não desde o início do ano lectivo anterior  Escolho não responder

21. As notas/classificação pioraram em resultado ou consequência de relações sexuais não-consentidas?

Sim  Não

22. Enquanto estudante universitário, esteve presente em alguma apresentação sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual?

Sim, uma vez  Sim, duas vezes  Sim, mais de duas vezes  Não  Escolho não responder

23. Quando esteve presente na apresentação sobre a prevenção da violência no namoro ou violência sexual? Se esteve mais do que uma vez, qual foi a mais recente?

Antes de 2012  2012  2013  2014  2015  2016  Nunca estive presente em nenhuma apresentação

24. Qual é a sua situação escolar?

Estudante  Trabalhador – Estudante  Outro

25. Com quem vive?

Sozinho  Com os meus pais ou outros familiares adultos  Com companheiro(s) (excepto parceiro amoroso)  Com o meu marido/mulher, namorado/namorada ou outro parceiro amoroso

O questionário chegou ao fim! Muito obrigada pela sua participação!